

ILUSTRACÃO

ROCHA
1929

ESC. 4,00



Nº 88 4º ANO

16 - AGOSTO - 1929

Pós
de
Arrôz

"Marquitta"
de NALLY
e
"Benâmôr"

A venda em

todo o paiz

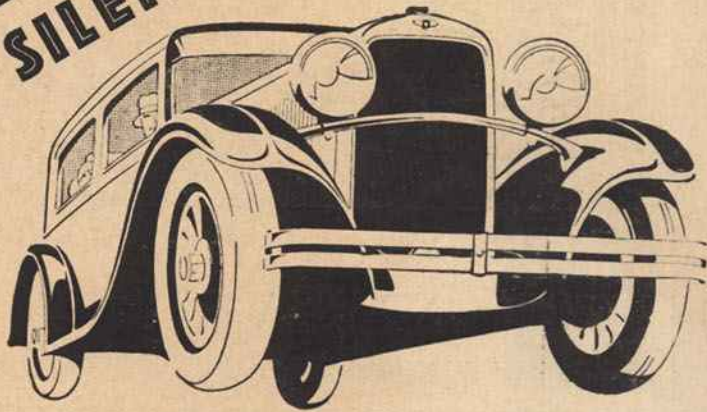


Verdadeiros
produtos de beleza que a
mulher elegante e moderna prefere!

Impalpaveis e d'uma aderencia scientificamente regulada excedem em apresentação e qualidade o que de melhor se encontra á venda de qualquer marca mundial, igualmente de grande fama!

Inimitavelmente perfumados, vendem-se nas suas originaes e artisticas caixas e em todas as côres da moda.

**O NOVO
DODGE BROTHERS SEIS
FORTE - SILENCIOSO - DURAVEL**



A casa Dodge Brothers, famosa desde ha tanto tempo pela força, solidez, e perfeição mecânica dos seus carros, acaba de espantar e entusiasmar todo o mundo com a seu ultimo carro "Dodge Brothers Seis."

Um chassis ideado para poder em toda a sua extensão correr suave e silenciosamente. Uma machina dotada de seis cylindros assentes sobre borracha. Veio de manivella com sete chumaceiras. Embolos de tirante Invar. Engrenagens de faces grandes. Um modelo revolucionario de caixa de carro que apesar do uso e do tempo sempre se conservará silencioso, sem fazer nenhum ruido. A caixa de carro "Mono-peça." Sem juntas. Rigida. Espaçosa. Construida dentro do proprio chassis para tornar o carro inteiro ainda mais estavel. Ide ver, hoje mesmo, um dos modelos do Dodge Brothers Seis, no armazem d'um dos negociantes. Assentai-vos lá dentro. Examinai bem cada detalhe e ficareis convencido que é este o carro mais espaçoso, e mais elegante que a casa Dodge Brothers até hoje tenha construido.

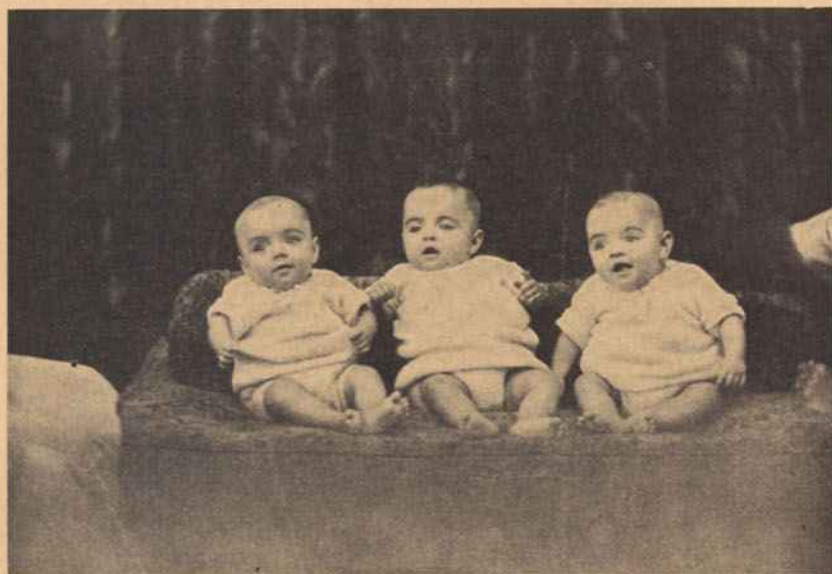
**PROVAI
O NOVO
CARRO**

**DODGE BROTHERS
SEIS**

BERNARDINO CORREA & CIA, 1 AV. DA LIBERDADE, LISBOA

DODGE BROTHERS' MOTOR CARS, PRODUCT OF CHRYSLER MOTORS, DETROIT, MICHIGAN

OS BÉBÉS "NESTLÉ"



TRÊS IRMÃOSINHOS GEMEOS ALIMENTADOS
COM LEITE CONDENSADO E FARINHA **NESTLÉ**



OS QUE VÃO PARA FÉRIAS

PARA O CAMPO

PARA AS TERMAS, OU

PARA AS PRAIAS

devem acompanhar-se de **UM GRAMO-**

FONE
PORTATIL

"His Master's Voice"

**PREÇOS: Em preto, Esc. 900\$00; Em côres,
Esc. 1.100\$00; Modelo de luxo, 1.300\$00**

|| Não deve esquecer um interessante repertório de discos
da mesma excelente marca ||

*AGENTES
EXCLUSIVOS*

GRANDE BAZAR DO PORTO



LISBOA
RUA AUGUSTA
150, 152
PORTO
R. S.^{ta} CATARINA
192, 198



REO

FLYING CLOUD 1929 O AUTOMOVEL DA ÉPOCA

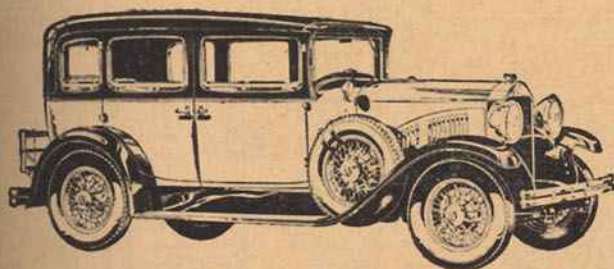
Motor de 6 cilindros, com cambota de 7 apoios — Volante anti-vibrador — Amortecedores hidráulicos às 4 extremidades — Travões hidráulicos às 4 rodas (expansão interna) — Molas apoiadas em cautchú

Todas as grandes características dos carros de grande classe

A maxima velocidade aliada á maxima segurança

ELEGANCIA INIGUALÁVEL

CONFORTO INEXCEDÍVEL



O Flyin Cloud—REO—de 1929 pertence á categoria dos carros de preços moderados

A nolar o resumido consumo destes carros: 13,5 litros aos 100 quilometros (em cidade)

CONTRERAS & GARRIDO, L.^{da}

AVENIDA DA LIBERDADE, 165 a 171
TEL. N. 789 (P. B. X.) — LISBOA

MILHARES DE MULHERES

que ostentam a elegância e beléza do seu BUSTO, devem a uso do FILOCOL, que tem a propriedade de tornar o PEITO proporcional á estatura da mulher.

O FILOCOL, n.º 1 desenvolve o SEIO atrofiado e pequeno, o FILOCOL, n.º 2 endurece-o, tornando-o firme e esférico, e o FILOCOL, n.º 3 diminui o SEIO excessivo. Preço do n.º 1 on do n.º 2: Esc. 25\$00; pelo correio 26\$00. Preço do n.º 3: Esc. 30\$00, pelo correio 32\$00.

AS PESSOAS NUTRIDAS

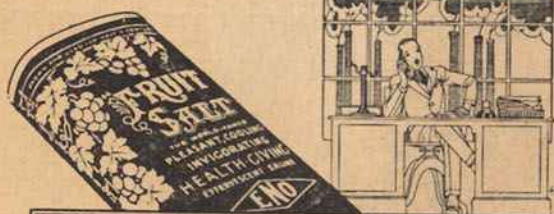
devem tomar as HOSTIAS D'ORCEL, para emagrecer lenta e progressivamente com beneficio para a saúde. Caixa 25\$00 esc., pelo correio 26\$00.

Depósito: FARMÁCIA NOVAIS
Avenida Luís Bivar, 11 e 13 — LISBOA

INGLEZ

Os livros *A Primer of English Speech* e *The English Student* pelo Tenente-coronel VELHO DE PALMA são os melhores e mais baratos para o estudo desta lingua

PEIDIDOS A ALLAUD, L.^{da}
73, Rua Garrett, 75
LISBOA



A vida é um jogo em que a saúde é o trunfo.

Da saúde depende a nossa energia, o nosso bom humor e bom exito, não havendo saúde perfeita sem o bom funcionamento do aparelho digestivo. Para o conseguir não ha como tomar diariamente ENO's "Fruit Salt" preparação salina efervescente, idealmente pura. ENO é o reparador familiar, por excelencia, dos inconvenientes das más digestões; laxativo muito suave, mantém as condições de limpeza e regularidade necessarias á boa saúde.

Uma colher das de café num copo d'agua, de manhã e á noite.

Depositaris em Portugal:
ROBINSON, BARDSELY & C^o. Ltd.
8, Caes do Sodré, Lisboa.

As palavras "Fruit Salt" e "Sal de Fruits" e ENO, assim como o estilo, são marcas de fabrica registada.

SAL de FRUCTA

ENO

FRUIT SALT

"A venda em todas as farmacias, em frascos grandes e pequenos."

A "EVA"

com um novo aspecto, muito mais elegante e com melhores gravuras e papel, a "EVA" depois de se fundir com a «VOGA», tornou-se a primeira revista feminina de Portugal.

Os seus figurinos são a ultima palavra sobre as modas que imperam em Paris e a sua colaboração literaria constituirá o encanto espiritual de todas as portuguesas de bom gosto. :: :: :: :: :: :: ::

PREÇO 1\$50

A venda na Filial do
DIARIO DE NOTICIAS

Largo Trindade Coelho, 10

e em todas as
Livrarias e Tabacarias

LEIAM O CÓ-CÓ-RÓ-CÓ

O MELHOR JORNAL INFANTIL

**16 PÁGINAS
1 CONSTRUÇÃO**

1\$00



Os poços mortiferos!
As imitações!

Desconfie da água dos poços e das imitações.

Use apenas os

LITHINÉS & DR GUSTIN

que vos darão uma água deliciosa, pura ou com vinho. Soberanos contra afecções do **figado, estomago e bexiga.** Desconfie das imitações e exigi a marca do **Dr. Gustin,** á venda nas Farmacias.

**MAGAZINE
BERTRAND**

VEJAM O NÚMERO DE AGOSTO

CONTINUA A MANTER

A SUA SUPREMACIA



- Que perguntas!
- Quando voltardes, abandonareis na praia o vosso fato de banho? Os vossos sapatos brancos? O romance em moda?
- Não, decerto!
- E a raquette de tennis? Os utensilios de pesca? A bicicleta? O automovel?
- Mas, decerto que não! Que pergunta!
- Pois bem! Porque deixareis no olvido, estas encantadoras semanas de férias? Sem um "Kodak", esquece-las-heis infalivelmente!

As férias passam ficam as vossas fotos "Kodak"

Só as vossas fotografias "Kodak" serão as indiscutíveis testemunhas destes instantes preciosos entre todos, e que tão depressa acabam. Pensai com que prazer as mostrareis aos vossos amigos! Pensai com que alegria, vós mesmos, as vereis mais tarde!

Apenas alguns minutos bastam para aprender o manejo d'um "Kodak".

Em todas as boas casas de artigos fotográficos encontrareis uma pessoa competente que vos mostrará a superioridade dos Aparelhos "Kodak".

Para resultados garantidos adquira:

Aparelho "Kodak".

O "Kodak" possui sómente os órgãos e acessórios indispensáveis para que o amator obtenha desde o início as melhores fotografias.

Película "Kodak".

A Película "Kodak" - em embalagem amarela - é a vossa mais segura garantia de que obtereis os mais completos resultados.

Papel "Velox".

O Papel "Velox" permitir-vos ha obteres as melhores provas dos vossos negativos. Exija o nome "Velox" impresso no verso das provas.

Kodak Limited, 33, Rua Garrett, Lisboa.



Como em 1924 **CHRYSLER** apresentou ao mundo admirado um novo automóvel que deu a orientação moderna à construção automobilista, hoje a

CAMIONETTE FARGO

representa o que há de **mais perfeito** e bem acabado neste género, pela sua **concepção ultra nova**.

PARA ENTREGA IMEDIATA CHASSIS PARA CARGA MÁXIMA DE 1500 KG.

AGENTE GERAL:

A. BEAUVALET

R. 1.ª de Dezembro, 137—LISBOA

DISTRIBUIDOR DO NORTE:

ANGEL BEAUVALET

R. de St.ª Catarina—PÓRTO

A CASA DE AUTOMÓVEIS MAIS ANTIGA DO PAÍS.

Sub-Agente em LISBOA — ALBERTO CÂMARA — AMÉRICA STAND

RARE

Nada mais delicioso, mais suave, mais perturbador e persistente do que os perfumes **RARE** de **GELLÉ FRÈRES - PARIS**

Linda apresentação.

Escolhi o que for mais do vosso gosto:

Chypre - Narcisse - Rose - Violette
Lilas - Muguet - Hélotrope - Jasmin
Éillet.

**TODAS AS FLORES
TODOS OS PERFUMES.**

A venda em todas as boas Casas

AGENTES GERAIS STEITEN & C.ª Lda 118, RUA DA MADALENA LISBOA

RAINHA DA HUNGRIA

OS MELHORES PRODUCTOS
PARA OS CUIDADOS DA PELE

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA

Directora: *MADAME CAMPOS*

Avenida, 35 - Telefone Norte 3641 - LISBOA



AS DOLLY SISTERS ENTUSIASTAS DO "CREME SIAMOISE,"

As grandes «vedetas», universalmente conhecidas, usam o *Crème Siamoise* — o famoso produto de beleza. Esta sensacional descoberta vem revolucionar todos os métodos de embelezamento até hoje conhecidos. Químicos diplomados e dermatologistas eminentes acabam de provar que a pele não pode bastar um só produto, qualquer que ele seja. O *Crème Siamoise* compõe-se de dois produtos gémeos. O *Crème Siamoise* de dia, destinado à «toilette» da manhã, protege e embeleza a epiderme e torna perfeita a aderência do pó. O *Crème Siamoise* de noite, empregado na «toilette» nocturna, limpa e desfaz a «maquillage» melhor que os sabonetes ou os leites de beleza, desobstruindo a pele das impurezas que se acumulam nos poros, amaciando-a e reconstruindo-a durante o sono.

Agentes gerais para Portugal: JERONIMO MARTINS & FILHO, Rua Garrett, 17—LISBOA

Alistam-se no Regimento da Saúde!

Depositários gerais para Portugal e Colónias:
ROBINSON, BARDSLEY & C.ª L.ª — Cais do Sodré, 8—LISBOA

O ERSKINE CONQUISTA OS APLAUSOS GERAES

O publico não pode ser enganado com frases sonoras ou com falsas promessas. Elle sabe o que quer, e exige dum automovel bom funcionamento, economia e bom gosto. Por isso o publico que guia é a maior autoridade em matéria de automoveis.

Ora, um publico internacional espalhado por todo o mundo dá a sua preferencia e os seus aplausos ao Erskine Six por tal forma que as vendas relativas aos primeiros onze mezes de 1928 excederam em 250 % o total das vendas de todo o ano anterior!

O Erskine Six é campeão da sua categoria. Como poderia, pois, o publico contentar-se com um carro inferior ao campeão? Studebaker constróe 4 grandes tipos de carros: Erskine, Director, Comandante 8, e Presidente 8. Cada um d'elles é campeão da sua categoria.

Studebaker detem hoje 11 records mundiaes, 22 records internacionais e **TODOS** os records officiaes americanos para carros de série. Nenhum outro fabricante pode oferecer, com tamanha evidencia, demonstrações tão concludentes do grande valór dos seus carros e do seu perfeito funcionamento.

Podéis comprar estes carros com o vosso rendimento, sem tocar no capital.

Unicos representantes para Portugal:

C. SANTOS, LDA.

LISBOA: Rua do Crucifixo 55 a 59.

PORTO: Praça da Liberdade, Edificio da Nacional.

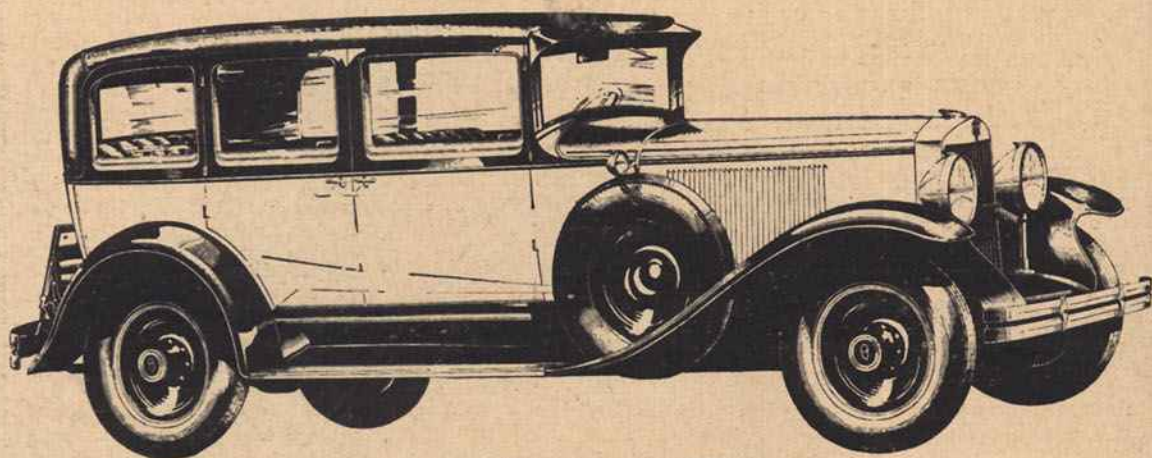
5 D



STUDEBAKER



VEJA OS NOVOS
GRAHAM-PAIGE
 DE SEIS E DE OITO CILINDROS
 COM QUATRO VELOCIDADES



SEDAN MÓDELO 527 PARA CINCO PASSAGEIROS



A GRAHAM-PAIGE oferece uma variedade de tipos de carroçaria, incluindo Roadsters, Cabriolets, Coupés e Carros de Turismo, em cinco chassis, de seis e de oito cilindros — a preços diversos. Todos são equipados com a mudança de quatro velocidades, excepto o Modelo 612.

OS novos Graham-Paige de seis e de oito cilindros — agora em exposição — encerram novos e numerosos aperfeiçoamentos sobre os modelos que em 1928 alcançaram o maior numero de vendas obtido por qualquer marca no primeiro anno de sua apresentação. Convidamos v. ex.^{ta} a examinar estes carros e obter uma demonstração da maravilhosa mudança de *quatro velocidades* mudança standar — usado exclusivamente nos Graham-Paige de seis e de oito cilindros.

Joseph D. Graham
Robert C. Graham
Ray A. Graham

Representante geral para Portugal: **J. COELHO PACHECO**

21, Avenida da Liberdade, LISBOA — *Salão de Exposição e Serviço*, 90, Rua Braancamp, 94 — Tel. — (P. B. X.) N-2595
 Agentes no Porto: MANUEL DA SILVA CARMO & C.^{TA} L.^{DA} — 129, Rua de Santa Catarina, 133

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

R. da Alegria, 30 — Lisboa

REDACÇÃO

R. Cecílio de Sousa, 77-1.º

(Ant. R. da Procissão)

Telef. N. 873

ANO 4.º — NÚMERO 88

ILUSTRAÇÃO

DIRECTOR-DELEGADO
JOSÉ CARLOS DA SILVA

DIRECTOR :
JOÃO DE SOUSA FONSECA

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

PROPRIEDADE E EDIÇÃO DE :
EMPRESA NACIONAL
DE PUBLICIDADE
E
AILLAUD LTD.*

ADMINISTRAÇÃO
R. Diário de Notícias, 78
Telef. : T. 821 a 824

16 DE AGOSTO DE 1929



S. BMINÉSCIA, O SENHOR DOM ANTÓNIO MENDES BELO, CARDEAL, PATRIARCA DE LISBOA, FALLECIDO HÁ DIAS NO PAÇO DE SANT'ANÁ, E CUJOS FUNERAIS CONSTITUÍRAM UMA IMPONENTÍSSIMA MANIFESTAÇÃO DE FÉ E SAÚDE. JUNTO DO GRANDE PRELADO FALLECIDO ESTÁ O SENHOR D. MANUEL GONÇALVES CERREJEIRA, ARCEBISPO DE MITILENE, E UMA DAS MAIS ILUSTRES FIGURAS DO EPISCOPADO PORTUGUÊS

CRÓNICA DA QUINZENA

Como era de prever, e como succede com todas as epidemias, a asneromania, pouco a pouco, extinguiu-se. Um ou outro, retardatário, ainda emboca a trombeta, a proclamar aos quatro ventos os seus «sucessos», numa frascologia pseudo-científica; mas já poucos são os que param para ouvir, já se não formam os grandes ajuntamentos à roda do *tablado*; a fé nos taumaturgos baixou consideravelmente. Já nos não azoizam as cabeças com o dr. Asuero e o «método Asuero», e mais a «reflexoterapia».

Vê-se, agora, que andaram com benevolência os que aguardaram, para se pronunciar, que o dr. Asuero communicasse o resultado dos seus trabalhos. O dr. Asuero, já se suspeitára, não disse nada, porque nada tinha que dizer: logo se viu que elle não era de envergadura para fazer avançar o problema da reflexoterapia nasal para além do ponto em que o deixara Bonnier, a quem se referia com desdém, e que, todavia, possuía outro lastro científico que Asuero não tem. A própria técnica pela qual pretende distanciar-se de Bonnier (em vez de tocar pontos determinados para cada aparelho doente, procurar o ponto mais sensível da mucosa) encontra-se no livro do continuador de Bonnier, Leprince (*Traité de réflexotherapie*, Paris, 1924) a pág. 62.

Asuero, o sábio Asuero, o «fenómeno», passou à história, mas não à história da ciência. Na história da ciência, Asuero não é nada. Asuero é, simplesmente, um sujeito a quem saiu a sorte grande.

Antes do dr. Asuero e dos seus sequazes, a questão da reflexoterapia nasal estava num certo pé. Depois do estardalhaço que elles fizeram, ela ficou, sob o ponto de vista científico, exactamente no mesmo pé, não tendo elles feito mais do que transportá-la para um campo onde a ciência nada tem que ver.

Das observações feitas por Fliess, Malherbe, Bonnier e outros, é feito, pelo menos, tirar esta conclusão: a possibilidade de utilizar em terapêutica os reflexos de origem nasal. Somente, uma afirmação de tal modo vaga não é susceptível de aplicações práticas. Há que pôr o problema scientificamente, quer dizer, fazê-lo passar da forma indeterminada a formas cada vez mais determinadas.

Por exemplo: em que condições, e até que ponto, ou dentro de que limites, o reflexo originado em tal ou tal ponto da mucosa nasal, produz ou é susceptível de produzir, efeitos curativos em tal ou tal doença? Assim posto, o problema, até aí insolúvel, pode já ter um começo de solução. Isso exige, porém, um duplo trabalho de investigação: por um lado observações clínicas numerosas, e rigorosamente feitas; por outro lado, a experimentação fisiológica que permite decompor o problema complexo em problemas cada vez mais simples até se encontrar a relação constante que liga cada fenómeno elementar às suas condições. Não se procedendo desta forma tem-se uma equação a *n* incógnitas, cuja solução é indeterminada.

Não admira, pois, que Bonnier não tivesse

resolvido um problema que não é para ser resolvido por uma só pessoa. Muito mais simples são os reflexos musculares, e só lentamente, um após outro, se tem ido descobrindo. O mesmo há de succeder com os reflexos viscerais.

É de notar que a asneromania não transpôs os Pirineus. É que na Alemanha e em França, as tentativas de Fliess, Malherbe, Bonnier, eram conhecidas da maioria do corpo médico, e sabia-se o pé em que a questão se encontra—questão para ser estudada, como todas as outras a cujo estudo se está procedendo, e não elixir para se apregoar na praça pública. Na Península a ignorância deu lugar ao pasmo, e o pasmo ao entusiasmo, e o mais que se seguiu.

De tudo quanto se passou deveriam os professores das Faculdades de Medicina e de Ciências tirar indicações seguras sobre as deficiências do ensino científico, e da moral profissional. Mas, isso são contos largos...

Referiram vários jornais o casamento, em Londres, de dois gémeos, Rúbio e Simplicio Godino, de vinte e um anos de idade, unidos pela base da espinha dorsal—provavelmente a região sacro-coccigea,—com as irmãs, Natividade e Vitória Matos, ambas normais, e todos naturais das Filipinas.

O official do registó civil recusou-se a casá-los, mas elles recorreram, e o juiz deferiu, visto o caso não estar previsto nas leis.

O casamento de um monstro duplo, dando lugar a um *ménage* a quatro, se bem que choche os nossos hábitos, não é caso inédito na história. Os irmãos siameses, Chang e Eng, nascidos em 1811, de pais chineses estabelecidos no reino de Sião, estavam unidos de uma forma talvez menos favorável—do apêndice xyphoide ao umbigo—e, contudo, casaram, por sinal, na América, tendo tido, um e outro, filhos bem conformados.

A nascença, Chang e Eng encontravam-se opostos frente a frente, mas com as trações que foram exercendo para se collocarem numa posição mais cômoda, chegaram a poder pôr-se lado a lado. Eram muito amigos, e parece ter sido esse o principal motivo que os levou a recusar a oferta de um cirurgião que se propunha separá-los. Viveram até aos sessenta e três anos, e o duplo *ménage* parece não ter corrido mal.

O casamento do monstro fêmea conhecido pelo nome de *Rosa-Josefa*, consorciando-se com um marido único é um pouco mais extraordinário. Estas duas irmãs, Rosália e Josefa Blazek, nascidas na Boémia em 1878, e que por volta de 1890, se exibiam por esse mundo

fora, eram, como Rúbio e Simplicio, soldadas pelas regiões sacro-coccigeas, constituindo um género de monstro duplo a que os teratologistas chamam—*pygopago*,—ao passo que os irmãos siameses são denominados—*xyphopagos*. Succede, porém, que a independência orgânica das duas irmãs, ao nível da soldadura, era somente parcial. Imaginem-se duas habitações independentes nos andares superiores, com um rez-do-chão comum, uma só porta para a rua, e a partir dela, duas escadas, lado a lado, como os dois canos de uma espingarda, conduzindo respectivamente às duas habitações. Se, pois, como se diz, Rosa e Josefa casaram com um marido único, a coisa é para extranhar, tanto mais que segundo a observação médica que do caso foi feita em 1891, as duas irmãs eram bastante diferentes de carácter e de gostos: uma gostava de vinho, a outra, de cerveja, uma pelava-se por salada, a outra detestava-a, etc. Mas, se elas tivessem casado cada uma com seu marido, a estranheza não seria menor; é, verdadeiramente, o caso de se dizer: «preso por ter cão, preso por não ter cão».

De facto, o caso inverso parece ter-se dado com os irmãos Tocci, independentes da cintura para cima, e, no resto, constituindo um ente único. Não conheço os pormenores do caso, porque o não vi descrito em nenhum dos livros que possuo sobre o assunto, mas diz o *Temps*, num pequeno suplemento à sua crónica médica dos fins de Julho, que os dois irmãos casaram, cada um com sua mulher. O caso afigura-se-nos um tanto escabroso: mas, se-lo há menos, se supuzermos em lugar de duas mulheres, uma só?

Por aqui se vê que a questão dos monstros duplos na espécie humana que, até agora, quasi tem sido só estudada sob o ponto de vista biológico, oferece não menos curiosos aspectos psicológicos, e suscita complexos problemas morais e sociais, extremamente difíceis de resolver.

Escusado será dizer que só no vulgo inculto se mantêm ainda as idéas mediévicas sobre a produção dos monstros, simples ou compostos: manifestações da cólera divina, conúbio com o demónio, bestialidade. Desde que foi possível produzir artificialmente a maior parte das monstruosidades, submetendo ovos de animais a mudanças de posição durante a incubação, ou a choques repetidos, a variações bruscas de temperatura ou a um aquecimento desigual, ou revestindo-o de substâncias impermeáveis de modo a alterar as condições da respiração embrionária; desde esse momento ficou demonstrado experimentalmente que elles são o resultado de causas naturais, o que, aliás, já alguns raros espiritos tinham tido a coragem de afirmar desde Aristóteles e Cícero, entre os antigos, e mais perto de nós, Montaigne, Fontenelle, Laépède.

Na natureza, nem tudo são êxitos, e os monstros não são senão as formas espectaculosas dos seus múltiplos insucessos.

JOSÉ DE MAGALHÃES.

ESTE NÚMERO FOI VISADO
PELA COMISSÃO DE CENSURA

OS FUNERAES

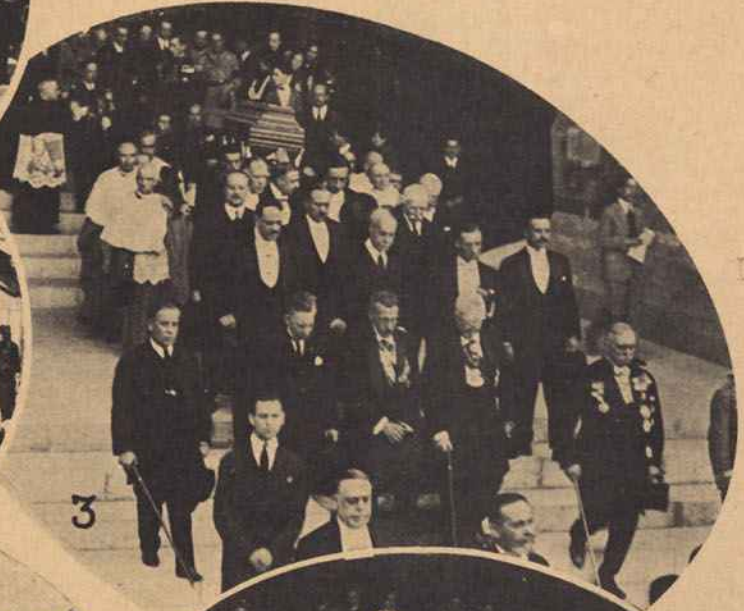
DE SUA EMINENCIA O SR. CARDEAL PATRIARCA DE LISBOA



1



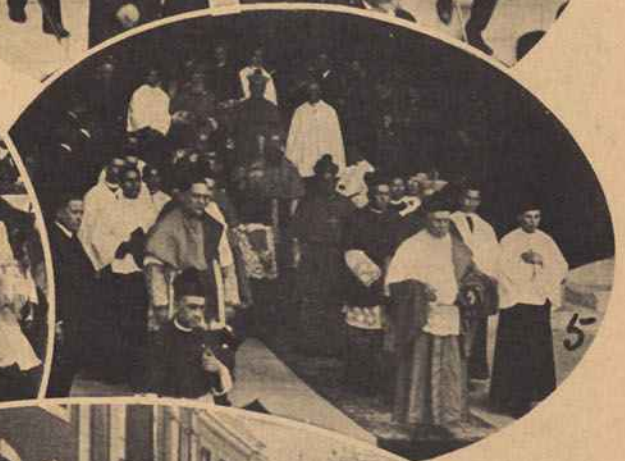
2



3



4



5



6

- 1— Os representantes do sr. Presidente da República nos funerais
- 2— O cortejo a caminho da Sé Patriarcal
- 3— Figuras em destaque na Causa Mondrúca, precedendo a urna
- 4— As insígnias cardeais do defunto Patriarca levadas por um dignitário da Igreja
- 5— Os Prelados e Cabido da Sé precedendo o féretro
- 6— O sr. ministro dos Estrangeiros e corpo diplomático aguardando o cortejo em S. Vicente de Fóra

FIGURAS — DO — MOMENTO



SOUSA PINTO

INSIGNE pintor que acaba de obter mais um triunfo artístico, no Porto, com a sua última exposição naquela cidade.



A. DE CAMPOS JÚNIOR

BRILHANTE jornalista desportivo, director da magnífica revista automobilista «O Volante», que acaba de festejar mais um aniversário de publicação.



REINALDO FERREIRA

O célebre «Reporter X», cujos dois primeiros volumes de obras completas acabam de conquistar subido êxito livreiro, e que lançou, com sucesso triunfal, um semanário portuense: *Homens e factos do dia*, obra prima de labor jornalístico e cujo primeiro número viu rapidamente esgotadas duas edições, estando já no prelo a terceira.



ARISTIDES BRIAND

SUCCESSOR de Poincaré na chefia do governo francês e ministro dos estrangeiros que, na conferência para estudo do plano Young, teve de combater a atitude insólita dos ingleses, ameaçadora da paz do mundo.



DR. FERNANDO ASÚERO

O célebre médico do no-tiarra, talvez a figura mais ácremente discutida na península nos últimos vinte anos, com o pretexto dos seus tratamentos reflexoterápicos, ofereceu o retrato que hoje publicamos a uma ilustre senhora portuguesa que, com a sua intervenção, parece ter sentido alívios rápidos a uma doença torturante, e que nos permitiu gentilmente a reprodução do retrato e da sua doquente dedicatória.

Como é sabido o dr. Fernando Asúero esteve há poucas semanas em Madrid aonde operou com êxito vários doentes entre os quais muitas pessoas da alta sociedade. A breve trecho porém a afluência de doentes era tal que houve tumultos e o célebre médico teve de fugir para San Sebastian perante a onda, impaciente e irreverente, dos seus devotos...



JUAN BELMONTE

O célebre aliestras sevilliano, filolo da tauromaquia, que está entre nós gozando as suas férias no Estoril.

*Para M^o Joaquim de Almeida, que com uma carta
de Madrid comparece a um costume
de 1919. Asúero.*



ESPAÑA E PORTUGAL

AS ENTREVISTAS DOS GENERAIS
IVENS FERRAZ E PRIMO DE RIVERA
EM VIANA DO CASTELO

A entrevista cordialíssima dos ilustres chefes dos governos espanhol e português, generais Primo de Rivera e Ivens Ferraz, realizada há dias na formosa cidade de Viana do Castelo, revestiu foros de acontecimento nacional; mais ainda: marca uma data de amizade peninsular. Entrevista à margem dos tenebrosos mistérios da diplomacia antiga, simples conversa de fraternal amizade, pode, decididamente, ter mais justas, melhores e simpáticas conseqüências do que todos os tratados. As festas populares, a efusão sincera que rodeou os dois chefes de governo em Viana e Mondariz foram pulsações sinceras do coração de ambos os povos, coração comum em galhardia, generosidade e desinteresse. Nas



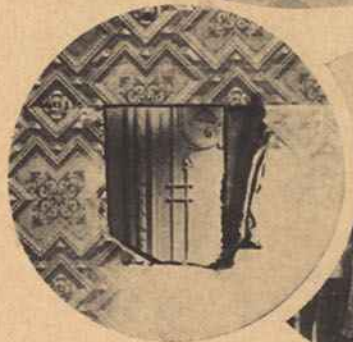
nossas fotos vemos os dois homens públicos no automóvel, à saída de Viana, com Made-moiselle Ivens Ferraz, as lindas e distintas *señoritas* Primo de Rivera com a filha do chefe do governo português e meninas vianenses com trajos regionais e, em baixo, o prestigioso Marquês de Estela e o ilustre general Ivens Ferraz cercados de formosas e ladinhas minhotas, meninas da sociedade de Viana do Castelo, durante as festas populares.

(Fotos
Alvaro Maritxu
e
Asrellano Carneiro).

FACTOS DA QUINZENA

DE CIMA PARA BAIXO E DA ESQUERDA PARA A DIREITA: — O funeral do eminente e venerando democrata dr. José de Castro, recentemente falecido. — Desfile, no Terreiro do Paço, do cortejo fúnebre dos restos do soldado Curado, o primeiro português morto em França. — O roubo em frente da loja roubada. — A chegada nos Prazeres do féretro do soldado Curado. — NA COVILHÃ: Dois aspectos da cerimónia do baptismo de três aviões da esquadilha de Tancos, realizado no Campo da Aviação, por ocasião das Festas de Santiago. *A direita*, as madrinhas dos aviões e os aviañores. Da esquerda para a direita: Tenente Abreu, D. Nazária Catalão, D. Arminda Bolán, D. Gabriela Terenas, D. Susana' Boshon, tenente Santos Neves, D. Maria Baltazar, D. Maria Helena da Cruz Tavares e tenente Dias Leite

(Fotos A. Mota.)

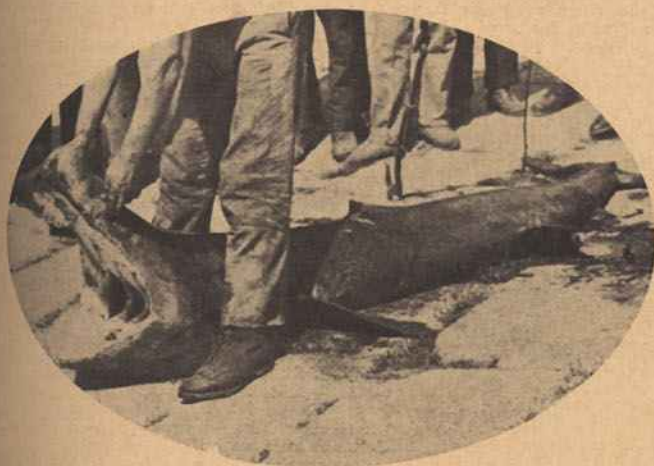


ACTUALIDADES



A ESQUERDA:— Grupo de Jornalistas de Porto e Braga que visitaram recentemente as Termas do Gerês a convite da Empresa e entidades locais

NO MEDALHÃO DE BAIXO:—Um casamento de estréllas, Joan Crawford com o seu marido, o simpático Douglas Fairbanks Júnior, depois do seu recente casamento. A esquerda do noivo, sua mãe, a primeira esposa do grande Douglas Fairbanks



NO OVAL DE CIMA:—Um peixe estranho arrastado pelo barco dos pilotos de Leixões. Mede 3 metros de comprimento e a 500s, aberta alcança 70 centímetros e termina num fofo cinho pitoresco

NO MEDALHÃO DE BAIXO:—O Juri do concurso de trajo regional na Sarmada. O Jornalista e escritor Guedes de Amorim, o sábio e eminente publicista dr. Jaime de Magalhães Lima e o ilustre crítico de arte Almeida Moreira, director do Museu Grão Vasco de Viseu



A ESQUERDA, ao centro:— Nas Pedras Salgadas, uma das mais belas e concorridas estâncias termas do país, as famílias de aquistas reúnem-se nos aristocráticos jantares à americana no Casino. Entre outras individualidades de destaque vêm-se, na nossa foto, o pintor João Reis e excellentissima esposa

NO OVAL DE BAIXO:— As lindas e raparigas que affluem ao concurso de trajo regional realizado durante as festas a Santo Amaro, na Sarmada. Ao centro do grupo, no primeiro plano, as três primeiras classificadas pela gentileza e donaire e rigor do seu trajo castiço





Max Aub

NARCIRSO — Teatro, por MAX AUB — 1928 — Imprenta Altés — Barcelona.

Éco e Narciso — a velha lenda clássica sabida por quantos possuam tinturas ainda que leves, da mitologia — essa velha lenda forneceu ao escritor espanhol Max Aub o pretexto para o drama cujo nome encima estas breves palavras, e cuja acção, digamo-lo desde já, se circumscreve não às convencionais tálmias do palco mas sim ao teatro imenso que é a alma de cada um. Quis o sr. Max Aub dar à lenda antiga uma interpretação moderna, altamente simbolista, um pouco do enorme drama que se agita sempre em todos nós, há muitos milhares de anos. Julgamos que o conseguiu, pelo que respeita às aparências exteriores; o fundo, o tema em si permanece o antigo. E a razão é simples: o tema era definitivo, a criação inultrapassável e, tudo quanto com elle se fizesse não iria além de simples variações, de maneiras de apresentar ou dizer... Mas, se a peça não nos oferece uma criação de génio, uma aparição inconfundível, há que dar-se o leitor por satisfeito com certas passagens do drama que são duma alta poesia. Nisso está o seu maior e mais justo elogio.

Bonita edição.

PÓRTO (Monumentos de Portugal), pelo DR. CARLOS DE PASSOS — Litografia Nacional — Pórt.

Se carecessem ainda de prova os dotes de investigador e crítico de arte do sr. dr. Carlos de Passos, que, apesar da sua idade moça, já há muito tem lugar de realce no cenáculo dos nossos eruditos, este seu recente trabalho, respeitante a três dos principais monumentos da segunda cidade do país — a Catedral, a igreja de Cedofeita e a de S. Francisco — de sobra lhe garantiria o brasão de autoridade em tais assuntos. É certo. Nas páginas desta obra, prestante a muitos títulos, certificam-se, a par, um saber vasto e uma invulgar independência de critério: saber vasto, porque o estudo das características arquitectónicas dos aludidos monumentos é feito com abundância de pormenores; e independência de critério, porque o autor não condescende em calar o seu protesto contra as infelizes reconstruções que têm sofrido esses edifícios religiosos, reconstruções que adulteraram os seus primitivos estilos. Quantos atentados dessa natureza na Sé, cujo claustro é uma verdadeira maravilha, mas onde a frontaria nos aparece mascarada pelos mais irritantes enxertos! E o mesmo se diz da igreja de Cedofeita e do formoso templo de ouro, este um dos mais interessantes exemplares do gótico que possuímos. O leitor que, com o livro do sr. dr. Carlos de Passos em punho, visitar amanhã estes monumentos portuenses, irá seguro de os apre-

LIVROS E ESCRITORES

ciar no seu justo valor, isto é, livre do perigo de, por deficiência de cultura especializada, confundir o que, nêles, é de verdade belo com o que não passa de crime de lesa-beleza. A arqueologia, assim tratada, perde toda a sua rigidez, todo o ar de batho que o vulgo costuma atribuir a tal sciência, porque um arqueólogo como o autor do *Porto* é, verdadeiramente, um vivificador do passado, um mago das pedras em que os artistas infundiram os seus grandes sonhos. Essas pedras, quando lhe as interroga, aparecem-nos, na frase de Verhaeren, «comme un tas de petites âmes fondues et massées en une ordonnance merveillesse».

Como os anteriores volumes da colecção, este contém muitos desenhos e uma esplêndida série de fotografuras com aspectos dos templos estudados no texto.

«FEIRA DA LADRA»

Estão publicados o 1.º e 2.º números desta excelente revista ilustrada de curiosidades do tempo passado, que Cardoso Marta dirige e Gusmão Navarro edita.

Vem excelentes, tanto pela colaboração como pelos nomes que a subscrevem. O primeiro número abre com um artigo de Matos Sequeira sobre uma feição peculiar da Lisboa do tempo dos franceses, seguindo-se-lhe um outro acerca de *Cerâmica Falante* do antiquário portuense

diz-nos o que era um jantar doutros tempos; o dr. Vasco Valente revela-nos o grande pintor portuense Marques de Oliveira como aguafortista; vêm à luz da publicidade as poetisas do século XVIII pela mão segura do dr. Jorge de Faria, e um alfabeto ideográfico pela de Cardoso Marta; segue-se a *Origem da alcunha Derradã*; e começa o académico dr. Martinho da Fonseca a publicação duma série de cartas curiosas.

Parabéns a Cardoso Marta e a Gusmão Navarro pela bela obra que estão empreendendo e que o público leitor saberá apreciar.

O MRU CANTEIRO, por VIRGÍNIA DE FREITAS. Imprensa Moderna — Pórt.

C. F.

A sr.ª D. Virgínia de Freitas trouxe recentemente a lume um bem apresentado volume constituído por dezoito sonetos, todos de temas delicadíssimos, revertendo o produto da venda desse livro, cujo título é *O meu canteiro*, para a benemérita instituição do «Caldo dos Pobres» de Aronca, vila beirão em que se engasta um dos nossos mais notáveis edifícios monásticos: o mosteiro do mesmo nome, que é escrito de preciosas obras de arte. A autora assim entrelaça, no seu vibrátil espírito, a devoção pela arte poética e os mais puros sentimentos caritativos, mercê dos quais já contribuiu com uma importante quantia para o sustento da referida instituição, que é obra de um activo grupo formado pelas mais distintas senhoras da aludida e formosa vila.

CINEGRAFIA — Revista de cinema — Preço: 1 escudo. — Editores: BERTRAND & IRMÃOS.

Está em publicação regular esta soberba revista que seria notável, sob o aspecto gráfico em qualquer parte. Num país em que a pequena camada de público cinéfilo não permite a adopção dos brilhantes processos de gravura e impressão rotativa que vemos nas grandes revistas do género há de fora, os editores desta formosa publicação arrojam-se a um cometido invulgar que merece ser bafejado pelo êxito. As gravuras e a impressão de «Cinegrafia» são, de verdade, magníficas, e no dia em que a parte redactorial acompanha inteiramente em perfeição, teremos uma revista formidável de género por um preço quasi inacreditável. E oxalá assim seja...



Dr. Carlos de Passos

dr. Pedro Vitorino, outro ainda do académico Ferreira Lima sobre um prestidigitador do século XVIII, um S. João há 150 anos, de Cardoso Marta, *Lenços de namorados*, de Emanuel Ribeiro; pedindo por último a palavra o historiador Pinheiro Chagas para falar sobre Bouçage e o viajante inglês Beckford, palavra que lhe ficou reservada para o número imediato.

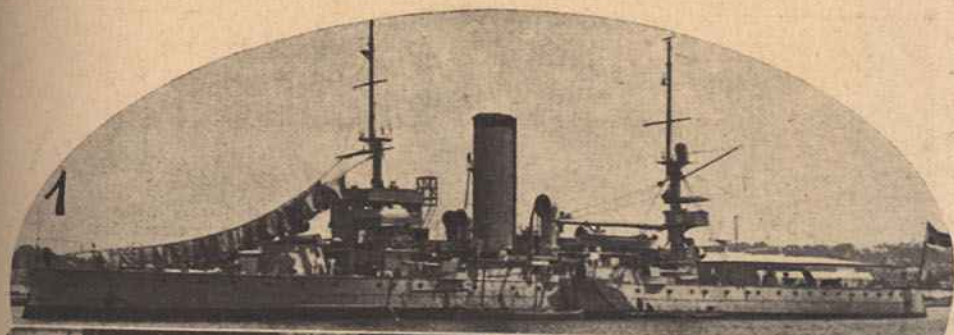
Este artigo de Chagas, inédito, deve ter despertado a atenção dos entendedores.

Do segundo número consta uma chistosa apresentação a D. João VI dum cidadão vítima da esposa, documento que João de Vilhena exumou dum arquivo do Estado; o académico dr. Manuel de Sousa Pinto propõe que a obra gloriosa de Cervantes se chame em português *D. Coxole da Mancha*; o ilustre professor dr. João Barreira disserta sobre uma rara peça de faiança comemorativa; Gusmão Navarro



D. Virgínia de Freitas

PELO NORTE



(Fotos
Álvares
Mastini.)



1 — O navio de guerra dinamarquês «Tordenskjold» que fundou em Leixões em visita de cortezia

2 — O comandante Ziesler, do «Tordenskjold»



3 — Trezentos excursionistas dinamarqueses, desembarcados do «Volândia» visitaram o Porto. Alguns excursionistas à porta da igreja de S. Francisco

4 — Grupo de gentis senhoras e distintos rapazes portugueses que tomaram parte no último passeio do «Club dos Fenianos»

5 — Exibição canina no Bessa O cão mais classificado, um «Setter Irlandês», (Red Kuffin) do sr. James Graham, que obteve Alta Menção (C. A. C.), «Taça C. H. P.», «Taça H. Marinho» e Prémio Alberto Bastos.

6 — Um formoso «galgo russo» do sr. Hugo de Almeida

7 — Um extravagante «Caniche» do sr. José de Sousa Picarote

8 — Um valente e belo «S. Bernardo» do sr. Joaquim A. Fernandes Pereira



Igreja matriz de Santo António das Taipas vendo-se, à esquerda, o penedo de Trajano

O nome não é simpático. Se lhe tirarmos o Santo António, dá-nos a sensação enervante de altos muros furtando-nos os longos à vista e o ar nos pulmões — sentimos-nos entaipados, embora as Taipas da tradição nos

abram nos olhos a sexta do seu y grego. E no entanto, mesmo no Minho, alôbre de mimos caseiros e hórto de bucólicas delícias, poucas serão as regiões que se possam colocar sem desvantagem a par d'êste limo senhorio

SANTO ANTONIO DAS TAIPAS

minhoto, todo de panoramas desafogados e libérrimos hábitos de montanha e vale.

Santo António das Taipas assenta, de facto, sobre ligeira elevação, no centro do vale a que deu o nome. E só o prestígio d'esse vale ubérrimo aconchegado entre graves montanhas — e com o rio Ave, de norte a sul, riscando de prata o mosaico verde dos prados latejantes de mocidade — lhe confere os melhores foros e privilégios.

Nem precisava de mais nada. O vale das Taipas é um dos mais formosos bens da Terra Portuguesa. As montanhas abrigam-nô de todos os lados — distinguindo-se a da Ubeira no conjunto das restantes, no extremo norte, com o castelo da Póvoa de Lanhoso, ao fundo, em postura de sentinela. Il porque, além de o abrigarem, dali se darem, lhe pro-

digalisan cuidados sem fim, torcendo-lhe águas de rega e lima, e os humos gôrdos da sua manança, é todo êle um brinquinho: — os seus campos riem de fartura, entre a toda riva das árvores e das vileiras; as árvores semellam rancios de romaria, sempre em festa à Senhora da Abastança, e no tempo próprio com o oiro dos cachos pendentes das rampagens. E os milhos entre as árvores, e os casais entre os prados, e o rio entre prados e à certa chamam Ave menos pelo nêulo de revêlra do seu kito, do que pelo canto moshilégio dos seus agudes —, tudo explende de graça, frescura e sãtia fecundidade.

Mas, embora de nada mais precisasse para se tornar notável no conceito dos melhores minhotos portugueses, êle dispõe doutro pres-



Um dos hotéis, o parque e Caldeirão das Taipas

tígio que enormemente lhe aumenta os dons de raridade: — o das suas águas sulfúreas, as de maior fama na cura de doenças de pele, excelentes ainda no ataque a muitas outras enfermidades. E são as águas sulfúreas, com

os seus halocórios, os seus hotéis e os seus milagres, que nos meses do sol e dos frutos revelam a clero, nobreza e povo das nossas províncias e distritos os encantos felicitosos do vale de Santo António das Taipas.



RIO AVE — Ponte na estrada das Taipas a Guimarães



RIO AVE — O limo agude de Trajan



ANDRADE (de Álvaro Pires) — Em campo de oiro, uma banda de vermelho abocada por duas cabeças de serpe de prata, salpicadas de verde, acompanhada de duas caldeiras xadrosadas de prata e de vermelho com arcos e azas serpentíferas de oiro.

TIMBRE: Duas serpes saintes, enlaçadas, passadas e repassadas em aspa. As cabeças em fugida, de oiro, dentadas de vermelho.

D'or à la bande de gueules engoulée par deux têtes de bisse d'argent, picolées de sinople, et accompagnée de deux chaudières échiquetées d'argent et de gueules, cerclées et ansées d'or, les anses gringolées.

CIMIER: Deux bisses issantes, enlacées, passées, et repassées en sautoir, les têtes adossées, d'or, dentées de gueules.

ANDRADE (Pinheiro) — Em campo de prata 5 pinheiros de verde postos em sautor e chieie de verde carregado de uma banda de vermelho perfilada de oiro, abocada por duas cabeças de serpe de oiro, dentadas de vermelho.

TIMBRE: Uma cabeça de serpe de oiro dentada de vermelho com um ramo de pinheiro de verde saíte da boca.

D'argent à 5 pins de sinoples mis en sautoir, au chef de sinople, chargé d'une bande de gueules bordée d'or, et angoulée par deux têtes de bisse d'or dentées de gueules.

CIMIER: Une tête de bisse d'or dentée de gueules, avec une branche de pin de sinople issant de la bouche.

ANDRADE DO ARCO — Em campo de oiro, um centauro sagitário, a metade-homem de carniação, a metade-cavalo de negro. O arco formado de dois filetes de prata e de vermelho, com empolgadeiras de negro, a corda de prata, a flecha eneechada do mesmo com o ferro de negro e penas de verde.

TIMBRE: O sagitário sainte.

D'or à un centaure sagittaire, la moitié-homme de carnation, la moitié-cheval de sable, à l'arc de deux traits d'argent et de gueules, emboulé de sable, cordé d'argent, à la flèche encochée de sable, jute d'argent et empennée de sinople.

CIMIER: Le sagittaire issant.

ANGULO — Em campo de oiro 5 tortuososantes de verde, partidos de prata, postos em sautor.

D'or à 5 tourteaux-besans de sinople partits d'argent, posés en sautoir.

ANNAIA — Em campo de oiro, 5 coticas em banda, de azul.

TIMBRE: Uma cabeça de lobo de sua côr.

D'or, à 5 cotices en bande, d'azur.

CIMIER: Une tête de loup au naturel.

ANNES (de Maria Annes) — Em campo verde, uma banda de oiro laçada de dois cordões do mesmo.

De sinople, à la bande d'or cotoyée de deux cordons du même.

ANNES (outros) — Em campo de prata, um leão de vermelho, rompante contra uma coluna de azul, bordadura de vermelho, carregada de 8 flôres de bz de oiro.

TIMBRE: O leão do escudo.

D'argent à un lion de gueules, rompant contre une colonne d'azur, à la bordure de gueules chargée de 8 fleurs-de-lis d'or.

CIMIER: Le lion de Pâcu.

ANRIQUES — Em campo vermelho, duas caldeiras de oiro, uma sobre a outra, com azas serpentíferas.

De gueules, à deux chaudières d'or l'une sur l'autre, leurs anses gringolées.

ANTAS (de Mem Alfonso) — Em campo vermelho, seis lisonjas de oiro cheias de azul, postas em cruz 1, 3, 1 e 1.

TIMBRE: Uma anta de sua côr.

De gueules à 6 losanges d'or, remplies d'azur, rangées en croix 1, 3, 1 et 1.

CIMIER: Un tapir au naturel.

ANTAS (de Vasco Barbosa) — Em campo vermelho, seis lisonjas de prata postas em cruz 1, 3, 1 e 1.

TIMBRE: Uma anta da sua côr.

De gueules, à six losanges d'argent rangées en croix 1, 3, 1 et 1.

CIMIER: Un tapir au naturel.

ANTUNES (de Simão Antunes) — Em campo vermelho, uma cidade murada, com porta à frente, tudo de prata.

TIMBRE: Um castelo de prata.

De gueules, à une ville close de murs, avec une porte en face, le tout d'argent.

CIMIER: Un château d'argent.

ANTUNES (outros) — Em campo vermelho, uma banda de vermelho perfilada de oiro, acompanhada de oito aspas de oiro, postas em orla.

TIMBRE: Um leão coroado, de vermelho.

De gueules, à la bande de sinople bordée d'or, accompagnée de 8 flanchis d'or, posés en orle.

CIMIER: Un lion couronné, de gueules.





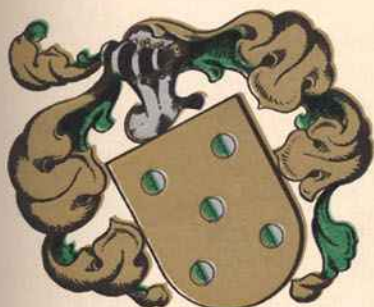
Andrade



Andrade



Andrade



Ângulo



Anaia



Anes



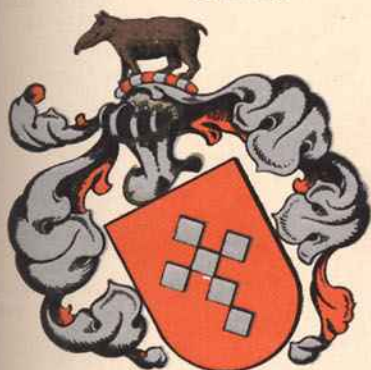
Aves



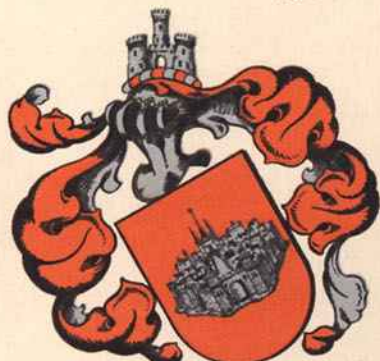
Anriques



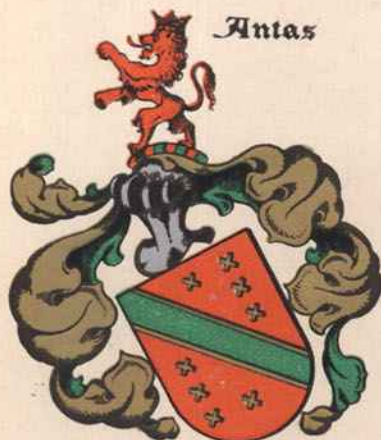
Antas



Antas



Antunes



Antunés

A VITÓRIA DA PRAIA DA TERCEIRA

SUBSIDIOS PARA A HISTÓRIA DO ARQUIPÉLAGO AÇOREANO

A Vila da Praia da ilha Terceira é das poucas povoações portuguesas cognominadas por decreto — e por decreto que pegou. Desde 12 de Janeiro de 1837, em vista de solene e encaxilhado diploma que Passos Manuel referendou, chama-se (art. 2.º, § 1.º) Vila da Praia da Vitória, vencendo ainda o épico título de Muito Notável. Angra, sua vizinha e senhora, essa ganhou o florido e vasto nome de Muito Nobre Leal e Sempre Constante Cidade de Angra do Heroísmo, podendo pôr ao pescoço, pendente da corda mural, o colar da Antiga e Muito Nobre Ordem da Torre e Espada, do Valor, Lealdade e Mérito.

Porquê tamanhas silvas retóricas à roda de nomes tão simples que o são de acidentes da costa: Praia, Angra? Por muito estranho que nos pareça crismar uma terra cirstã com tão campanudos nomes, somos obrigados a convir que os homens do liberalismo foram sinceros nesse crisma. E, próprio ou supérfluo, bem escolhido ou redundante, o certo é que ele traduz alguns valores de ordem cívica que seria mesquinho renegar.

A Vitória da Praia é de há um século, — 11 de Agosto de 1829 — como se lê no escudete que lhe sobrepuja o brasão de armas. E, se não foi, como reza o decreto de D. Maria II, uma das mais pasmosas façanhas, que ainda obrou a lealdade e

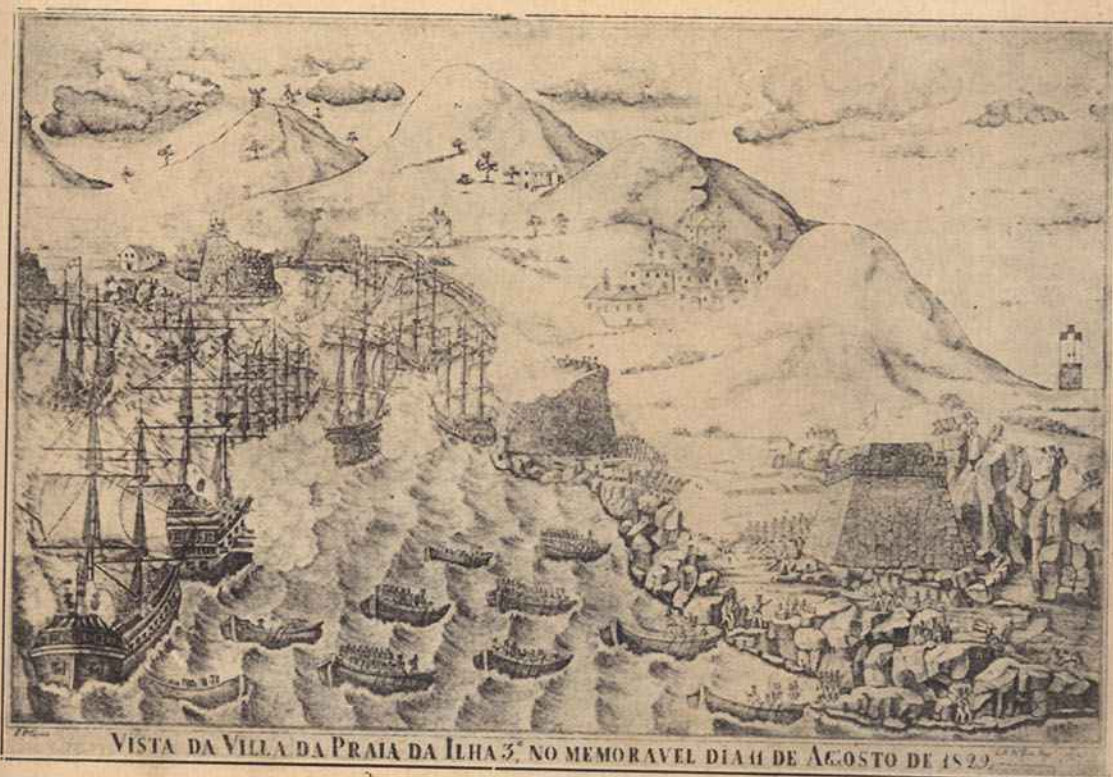
valor Português — com P grande, — foi com certeza o resultado de uma acção em que houve gallardia de lado a lado, importando para os liberais encunralados na Terceira a primeira grande esperança, que as armas e o tempo effectivaram.

Com effeito, para uma causa que andava de rastos pela Europa, sujeita às letras protestadas e às flutuações das antecâmaras, ao spleen de Canning e de Palmerston e à veia de Saldanha, espalha-brasas, o ganho de uma operação contra vinte e dois navios de guerra era uma destas vazas que enfunam as pálpe-



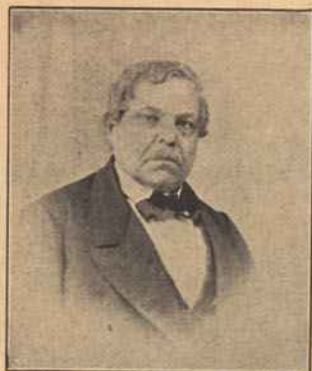
Rochedos do Forte do Espírito Santo, onde se tentou o desembarque. Ao fundo, a vila da Praia da Vitória

bras do jogador habituadas a baixarem-se em successivos revezes. Por isso a lira mais representativa e afinada da emigração, Almeida Garrett, se comoveu e desferiu uma canção que varou os mares de bom agoiro. O Conde de Vila-Flor, fazendo correr da Praia a esquadra de Rosa Coelho, pusera a coberto o único campo português de concentração dos liberais. — Uma rápida evocação dessa jornada de armas, — leve, feita ao sabor de meia dúzia de clichés que dizem mais que as palavras, é o que deixaremos aqui para que o leitor passe os olhos.



VISTA DA VILLA DA PRAIA DA ILHA 3.ª NO MEMORAVEL DIA 11 DE AGOSTO DE 1829

(Desenho à pena da época)



José António de Lemos
Coronel Azevedo Lemos

Coronel Azevedo Lemos, comandante das forças miguevistas

A Praia aninha-se à orla de uma baía de arco largo, que parece, no mapa, a bôca natural da Terceira. O resto da costa da ilha é alcantilado ou simplesmente pedregoso, com pequenos seios aborçáveis, mas curtos e doçados de espumas que são a silva de baixios. Só Angra, ao sul, oferece a sua conchinha aos navios de alto calado.

Garrett já dizia :

Alcantis bravos derodora cercam

*O tempestuoso Atlântico lhe quebra
 Nas ouriçadas pontas dos rochedos
 que em orla a cingem; e onde em amplo seio
 Mais à larça lhe é dado entrar na praia
 Sôbre a pálida areia em róllos bate
 E em alvo franja se destar de espuma.*

Aqui, pois, há um século justo, entraram as prôas da esquadra do Usurpador, e numa manhã de nevociro...

O estado político da ilha apresentava-se assim: o regime absoluto, sucessivamente sustentado pelos capitães-generais Stockler e

Manuel Tôvar de Albuquerque, tinha caído em 22 de junho de 1828, em virtude de uma revolução ploteada pelo morgado Teotónio de Ornelas, mais tarde Visconde de Bruges e Conde da Praia da Vitória, de cumplicidade com os oficiais de caçadores 5, batalhão deportado para a ilha por suas ideias cartistas. Desta rebelião saía um governo interino, a que se juntou, vindo de Plymouth, o Brigadeiro Cabreira; e, como as guerrilhas miguevistas continuassem amotinadas, deu-se-lhes caça a 4 de Outubro seguinte, no alto do Pico do Celeiro. Os caçeteiros da ilha ficavam assim acomodados, podendo falar-se daí em diante na *malhadaria da Terceira* com propriedade e precisão...

No aniversário da revolução de Angra chegava à vila da Praia o Conde de Vila-Flor, que, seguido de um es- pelos nomes aristocrá- tico-maior animador, ticos e militares que o cargo de capitão-general dos Açores e parece que uma figa contra tôdas as armas apostólicas... Intensificou a defesa da ilha, ordenando o reparo das cortinas e enquadrando severamente os recrutas feitas na terra com as tropas vindas de fora. E tão prontamente operou, que aos primeiros dias de Agosto de 1829 já se não pensava em fazer do Castelo de Angra o único reduto de defesa. Agora, com alma nova, tôda a ilha era um castelo.

A esquadra miguevista appareceu em frente de Angra no ante-penúltimo de Julho, conservando-se de atalaia até à manhã de 11 de Agosto. Neste dia, 15 de Março de 1830, organizando as expedições que tomaram as illas de Oeste e, finalmente, S. Miguel. Daqui, como se sabe, partiu o Exército Libertador.

O combate travado entre as baterias de terra e as amuradas foi encunhado por vezes, tentando os miguevistas o desembarque cêrca das 4 horas da tarde; — com tanta infelici-

dade, porém, que deram sôbre uns cachos onde era impossível formar para qualquer investida. O assalto era comandado por dois bravos oficiais, dos mais entusiastas do Infante: o tenente-coronel Azeredo e o major D. Gil Eanes da Costa (Mesquitela). Ambos pagaram com a vida o seu heróico atre- vimento.

Tentado segundo desembarque perto do anoitecer, — desta vez dirigido pelo próprio comandante da expedição, o coronel Azevedo Lemos, — o resultado foi, como do primeiro, desastroso. Tinham chegado reforços aos Voluntários da Rainha e às outras formações que, sob o comando do major Manuel Joaquim de Menezes, defendiam a Praia com denôdo. Desde as 5 horas que estava na vila o general. Depois, chegára uma bateria de obuses.

Inteiramente vencida, a esquadra migue- lista fêz-se ao largo; e, embora velejasse sem grandes perdas de gente e com ligeiras avarias, o certo é que foi grande o efeito moral da derrota. Entre os liberais da Terceira o



Forte de Santa Catarina do Cabo da Praia (interior)



Cunhoneiras do Forte de Santa Catarina, no extremo sul da baía

entusiasmo esfusiava, e ainda hoje, pelo fluxo de odes e canções que o facto desper- to, podemos calcular as vibrações que então atravessaram o mar, da Vila da Praia à Inglaterra. Mercê desta Vitória, podia instalar-se na Terceira a Regência de Palmela a tendo pairado de madrugada na costa do sul da ilha, surgia de repente, na baía da Vila da Praia, às 11 horas da manhã.

VITORINO NEMÉSIO.

NÓ PRÓXIMO NÚMERO :

ILUSTRAÇÃO

INSERIRÁ COLABORAÇÃO INÉDITA DE AQUILINO RIBEIRO, DR. BRITO CÂMACHO, FRANCISCO PINA, GLEDDES DE AMORIM, MÁRIO DOMINGUES, NOVAIS TEIXEIRA, REINALDO FERREIRA (REPORTER X), ETC.

COMENTARIOS A UMAS OBSERVAÇÕES

POR PIO BAROJA

(De um dos livros mais notáveis de Pio Baroja, «La Cátedra del Humorismo», que, infelizmente, só um ou outro especializado conhece em Portugal, extraímos este magnífico capítulo, repleto de mais fino humorismo e repleto de belas conceções, onde o célebre escritor refuta, com humana paixão e agudo engenho, algumas curiosas considerações sobre vários géneros de matice doutra gigante das letras — o filósofo Ortega y Gasset.)

Falando da conferência do doutor Werden, Paco Luna tirou da mala um artigo de J. Ortega y Gasset, intitulado *Observações dum leitor* e publicado em *La Lectura*, em Dezembro de 1915, e levou-o a Guezurtegui.

Neste artigo achava-se em parte sintetizada a tese da degradação e rancor como produtores do romance picaresco.

Comentou-se este artigo, porque o romance picaresco tem relações com o humorismo.

— Ortega y Gasset é um dos seus escritores predilectos, não é verdade? — disse Ilumbe.

— E; e seu, não? — respondeu Guezurtegui.

— Não, não. Passo por Ortega mas por Gasset, não, Gasset! Que som tão mediterrâneo.

— Bom. Faça o favor de ler, amigo Luna.

Paco Luna pegou no exemplar de *La Lectura* e leu:

«Durante os últimos tempos da Idade Média, coexistem duas literaturas na Europa que quasi não têm inter-comunicação: a dos nobres e a dos plebeus. Aquela suscita os Mimesinger, os trovadores; as gestas e epos de guerra e de paixão. É uma literatura irrealista, que, alimentando-se, não do que se vê e apalpa, mas das condensações místicas, das lendas genealógicas, constrói um mundo de realidades alevantadas, estilizadas em belas e fortes formas. Nesta produção convergem todas as emoções transcendentes, tanto as subtilezas aspirações, para um transmundo onde tudo é lindo e conceituoso, como aquelas paixões do homem, talvez rudes e bárbaras, mas afirmativas e criadoras. O essencial é que o poeta nobre cria, sobre coisas e pessoas terrenas, uma vida original de seres e relações ideais, um cosmos novíssimo, interessante, nascido da arte. Esta literatura aumenta o universo, cria.

«Paralela a ela, mas rastejando sobre a terra, desenvolve-se a literatura do povo infimo. São os conselhos, as burlas e farsas, são os motes, fábulas e contos equívocos. Muito típicas são as Danças da Morte. A morte, a amiga de Sancho, é a vingadora dos pequenos, simples e mal dotados, a democrática. E o cantor vilão, farto de angústias, dolorido de muitas farsas, maligno e maligno, leva à Morte as altas classes sociais.»

— Que lhe parece? — perguntou Luna.

— Vêjo em tudo isso um aristocratismo fozoso e pueril — disse Guezurtegui. — Aceitamos, por graça, que haja existido uma literatura de nobres e plebeus; mas não aceitamos que a literatura dos nobres (como classe social), seja também nobre no sentido ético, nem que a dos plebeus seja plebeia no sentido de abjecção e baixeza.

— Você é um romântico, Guezurtegui — disse Luna.

— Não, é que, se isto assim fôsse, o almanaque de Gotha seria o índice das qualidades espirituais do mundo. Não me parece que se possa afirmar que a divisão de criados e senhores, de nobres e plebeus, seja norma para a literatura, e, sobretudo, para a moral. E você que diz?

— Homem, eu não tenho uma opinião sobre isso. O que não vejo tão claro como Ortega y Gasset, é porque na literatura nobre pode haver criação e na plebeia não.

— Parece-me uma opinião arbitraria — replicou Guezurtegui —; pode-se defender o contrario, com a mesma razão. A literatura de cavaleiros, o mais forte, o mais vivo que deixam, no meu modo de ver, foi uma caricatura — D. Quixote; e, em compensação, de tipos populares, ficou uma série forte e regosijada: o

Lazarillo, o Buscón, Sancho, Panurgio, Caliban, Sganarello... Haverá hoje alguém que, não sendo professor, se ocupe dos interesses, dos amores de Angélica e Medoro, de Amalís de Gaula, da bela Oriana, de Latiçarote do Lago e da Rainha Ginevra? Absolutamente ninguém. Todas estas personagens, no decorrer dos tempos, tomam outros nomes nos romances de folhetim e fazem-se modernos.

Diz Ortega y Gasset que o autor vilão leva à morte as altas classes sociais. As altas e as baixas. Que queria então Ortega y Gasset? Que fossem dispensadas da morte as altas classes sociais? Isso seria levar o almanaquegotismo longe demais.

— Continemos a ler Ortega y Gasset — diz Luna. — «Em face da Morte aparecem ascorosas as lacras, as gangrenas e os póders de tudo aquilo que na sociedade dos vivos surge robusto, grado e brilhante.

«A mesma intenção anima as romanzas de la zorra. A sociedade dos homens está nelas submetida à perspectiva psicológica duma sociedade de animais. Porque, decerto, o animal habita a planta baixa do homem, mas os olhinhos turvos

e maliciosos do cantor vilão não vão além deste primeiro andar.»

— Que me diz a isto, Guezurtegui?

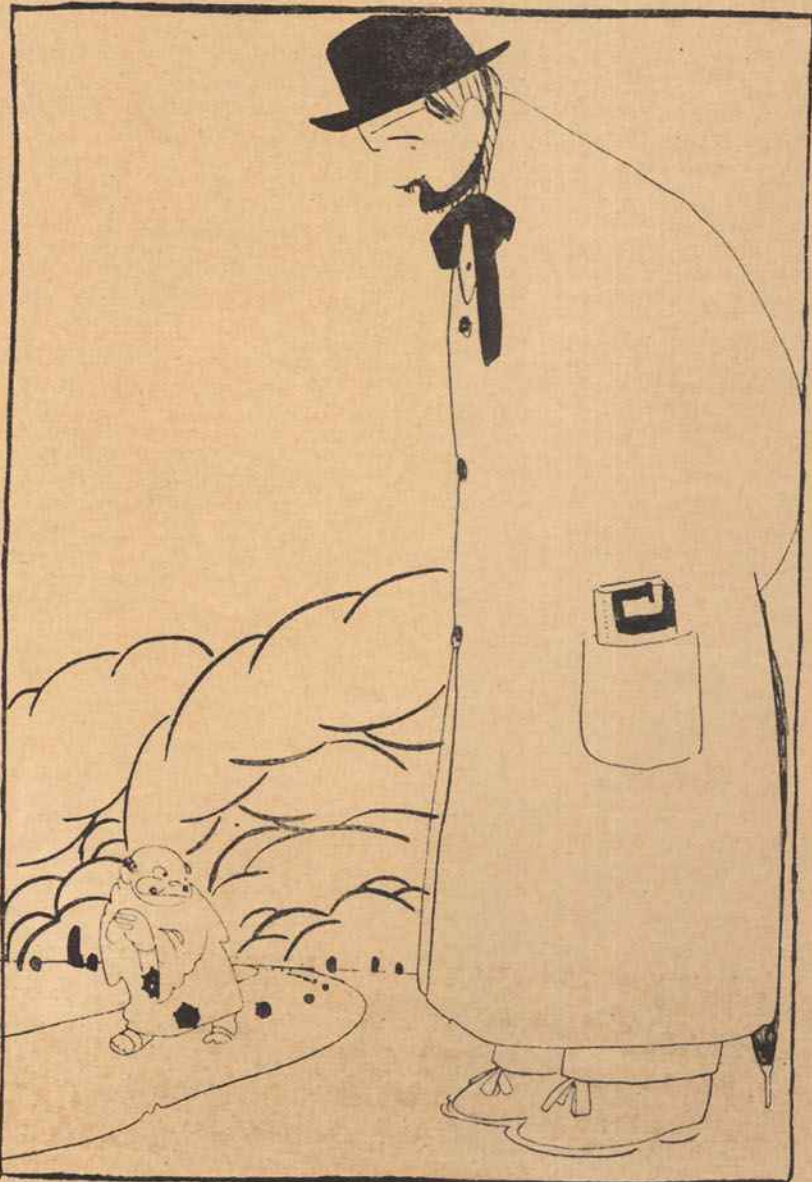
— Que não vejo tais andares. Parece-me o argumento do aristocratismo, do almanaquegotismo. Quando a filha do usurário ou do fabricante de sabões joga o *tennis* ou passeia de automóvel, pensa que exerce um direito e que tem uma superioridade especial que não lhe advém do dinheiro; julga que está no andar de cima. E o que provavelmente pensa Maura quando estica os punhos da camisa e diz meia dúzia de banalidades?

— Demagogo...

— Não. Quasi todos os demagogos e radicais são almanaquegotistas; basta arranhar-lhes um pouco a casca para que apareça um ilustre fãbio com ambições de prócer.

— «O cantor vilão — continua Ortega y Gasset — vê o homem com pupilas de criado de quarto.»

— Homem, não; parece-me mais criado de quarto o cantor nobre. Entre um laçao contente e outro descontente, não é mais laçao o que está contente?



— Espere, deixe-me seguir.
«Não cria um mundo; onde vai arrancar ele, sem vacilar, cercado de fome e de angústias, o cavador, o mendigo, o deshonrado, de quadris arquejantes, de alma roída, o esforço titânico para criar existências, formas do nada? Cópia a realidade que tem na sua frente, com ferido olho de caçador furtivo: não esquece um pelo, uma míscula, uma crosta, um sinal. A cópia é crítica. Eis a sua intenção: criticar e não criar. É um instrumento do rancor.»

— Todos nós estamos animados de certa intenção crítica. Ver, compreender, saber que porção de eternidade ou de subsistência pode ter cada obra, é uma preocupação muito humana, não acha?

— Não se pode crer também na identificação do tema humilde com o cantor vilão e do tema altíssimo com o cantor da mesma classe.

— Não consta que o autor do *Poema del Cid* fosse aristocrata nem fidalgo. Pelo contrário, esse Per Abbat, verdadeiro ou suposto, sôa a juden ou mourosco.

— Não fez *serriallitas* plebeias o marquês de Santillana? Teniers vivia como um príncipe e só pintava cenas populares. Onde está a identificação da vida do autor com o assunto da sua arte?

— Não sei. Não entendo muito disso — responde Illunbe.

— No que se refere à criação, não se verifica que fosse superior a da minha nobre à da vilã. Em Espanha, o Arcipreste de Hita ou Fernando de Rojas são muito mais criadores que Herrera ou Valbuena; em França, o pícaro Villon vive mais que Ronsard; nos tempos modernos, um poeta triste, esfomeado e bêbado, um farrapo humano, — Verlaine — é, provavelmente, o maior poeta da época. Essa opinião de que a crítica é fruto de rancor, também está dentro do almaquegotismo.

A ciência e a história, sobretudo, estariam baseadas em rancor. Sem a crítica, e só com o respeito, o mundo seria como um grande templo cheio de fetiches intangíveis e incontestáveis, porque contemplá-los e dar com os olhos neles seria começar a criticá-los. Com respeito ao rancor literário, onde está o rancor do que conta as aventuras do Lazarillo sem ódio e sem sanha, só pelo prazer de contar, como o Bosco ou Brughel pintam os seus camponeses pelo prazer de pintar?

— Continuo? — pergunta Luna.

— Continue, amigo Luna, continue.
«Nos séculos XV, XVI e XVII, estas duas literaturas, a amante e a rancorosa, dão proporções clássicas à sua interpretação do romance, parcial em ambas. O tema de amor e imaginação recorre-se como um esplêndido fogo de artifício nos livros de cavalarias; O tema de rancor e a crítica amadurecem no romance picaresco. O primeiro romance integral que se escreve, na minha opinião, é o *D. Quixote*, e há nele o abraço momentâneo, um tréguas de Deus que o coração dum génio lhes oferece, do amor e rancor do mundo imaginário e ingravido das formas e o gravitante, áspero, da matéria. Cervantes é o Homem; nem lacrimo, nem senhor.»

— Que lhe parece a excepção de Ortega y Gasset em benefício de Cervantes? — pergunta Paco Luna.

— Parece-me um caso de favoritismo. Se fosse verdadeira a tese exposta nos parágrafos anteriores, quem estaria mais dentro da novela rancorosa seria Cervantes. Cervantes encontra-se, pelo seu *Quixote*, não só fora da literatura nobre, mas em frente dela; não é o autor do *Lazarillo* que conta, por diversão, as aventuras dum garoto atrevido; mas o engenheiro que mofa de todas as invenções que Ortega y Gasset considera nobres e levantadas e ridicularisa todos os mitos da literatura amante. Não se apresenta aqui imparcial o nosso amigo Ortega.

— É que você não é cervantino, Guezturtegui — interrompe Illunbe. — O que aliás me parece bem.

— Porquê?

— Porque Cervantes faz com que o Dom Quixote vença unicamente Sancho de Azpeitua, chamando-lhe biscaíño, devendo chamar-lhe chipuzcano.

— Crânia Vasconica! Sempre Crânia Vasconica! Hu seu cervantino à minha maneira. O que não me parece é que Cervantes fosse uma excepção, nem no seu espírito, nem na sua dignidade.

Fala-se muito de Velasquez, de que foi criado e de que foi criado do Rei; primeiramente, era a época, e depois Velasquez não via no mundo senão linhas e cores; criado ou senhor, dentro da sua arte era sempre um senhor, um príncipe. A Cervantes chegam as más paixões, a Velasquez não.

— Visto isso, o amigo é mais velasquista que cervantino?

— Muito mais.
— Bem, voltemos a Ortega — disse Luna. — Ainda se ocupa do romantismo picaresco.

«O romance picaresco deita mão dum figurão nascido nas camadas inferiores da sociedade, um insecto humano fermentado no lodo e posto ao sol sobre um monte de estrume. E fá-lo criado de muitos patões: vai passando, de criado dum clérigo a tratar dos cavalos dum capitão, dum magistrado, dum dama, dum patife de alto lá com êle! Esta personagem olha a sociedade de baixo para cima ridiculamente escurçada; e assim as categorias sociais umas após outras, os ministérios, os officios vão-se desmoronando, e vamos vendo que por dentro não eram senão miséria, farsa, vaidade, fachada e intriga.»

— Vocês, os demagogos, que responderiam a isto?

— Que com o mesmo direito, e talvez com um pouco mais, se pode chamar figurão ao tipo dos Minnsinger, trovadores, gestas e epis de guerra e paixão, porque geralmente tem menos vida e menos carácter que o tipo da novela picaresca. E se vão desmoronando categorias sociais, ministérios e officios, ao contemplá-los dum maneira irónica, isso é natural e necessário, quando o seu prestígio se baseia na mentira.

«A superioridade que nasce da verdade não se desmorona nunca, como não se desmorona o sistema de Copérnico, e, em compensação, demolizam-se os anteriores. A grandeza das figuras é coisa do acaso. Quando um figurão que quere ser olímpico, como Luis XIV, aparece na história com uma fístula no ânus, provoca-nos riso; porém, a pobreza e a tuberculose de Espinosa produzem-nos melancolia e dor.»

— Você tem objeções para tudo, amigo Guezturtegui.

— Desta vez, realmente, não estou de acordo com Ortega y Gasset.

— Bem, progredamos.

«O romance picaresco é, na sua forma extrema, uma literatura corrosiva, composta de puras negações, empurrada por um pessimismo preconcebido, que faz inventário escrupuloso dos males, espalhados pela terra, sem órgão para perceber harmonias nem excelências. É uma arte, e aqui encontro o seu maior defeito, que não tem independência estética; projeta da realidade fora de si, da qual é ela crítica e da qual vive como caruncho da madeira. A novela picaresca não pode ser senão realista no sentido menos grato da palavra; o que possui de valor estético consiste justamente em que, ao lêr o livro, levantamos a cada passo os olhos da página e olhamos para a vida real, que contrastamos com a do livro, deleitando-nos na verificação da sua fidelidade. É arte de cópia.»

— A cópia é crítica e não criação, diz Ortega y Gasset; eu não opinio assim. Não acredito que se possa copiar simplesmente em arte, sem contribuir com alguma coisa mais. Se Holbein, Dürer, Tiziano e Greco vivessem, poderiam copiar os quatro a mesma figura, tratando de fazer um retrato parecido, e, no entanto, cada um dêles dar-lhe-ia um carácter inconfundivelmente seu. Não são da mesma opinião?

— Sim, parece que sim — disse Luna.

— Quanto à questão da independência estética da novela picaresca, porque lhe nega Ortega? Eu creio que tem toda a necessária, tódá-la possível. Na tese de Ortega y Gasset, está esse dualismo tão espanhol, do real e do irreal, do material e do espiritual, do nobre e do plebeu. Se fosse verdade o que Ortega afirma, pintar um mendigo seria uma arte baixa, e pintar um cavalheiro arte nobre. Não sou da mesma opinião; para a pintura tudo é nobre. «Nós somos mais idealistas que os senhores, os médicos» — dizia-me um advogado. — Não sei porquê — respondia-lhe eu. — Para mim não há diferença alguma entre estudar uma instituição

antiga, estudar um insecto, o intestino ou o baço dum homem. A única diferença que há é que o insecto, o baço, ou o intestino são mais permanentes na sua existência que uma instituição, que pode desaparecer, esquecer e perder-se.»

— Homem, a-pesar disso.
— Que os fisiólogos sejam plebeus e os advogados nobres é possível que o afirmem todos os rúbalas do mundo, mas nós não o aceitamos.

— Isso é paixão.

— Não; longe disso. Por outra parte, se a literatura chamada nobre fosse a criadora e a inventora, hoje, mais do que os heróis de Balzac, de Stendhal ou de Dostoiévski fundidos em preocupações materiais, interessar-nos-ia Matilde e Melak Adel, de Madame Cottin, os personagens da Mademoiselle Soudery, Eudora e Cimodoca de Chateaubriand, e outros heróis do perfeito amor e da perfeita cavalheiresidade, e, se esses tipos nos parecessem velhos, entusiasmar-nos-fam os fantoches primitivos de D'Annunzio. Na arte, David, Canova e Thorwaldsen impressionar-nos-fam muito mais que Goya; o que geralmente não sucede.

— Já que está tão loquaz, amigo Guezturtegui, esgotemos a matéria. Que lhe parece o que diz Ortega y Gasset do realismo?

— Considerar o realismo como cópia servil parece-me noção completamente falsa.

— Você, como demagogo, é realista.

— Homem, não sei se me posso chamar realista ou não. Num sentido filosófico, não, porque não sei o que é a realidade; num sentido artístico e literário, o realismo parece-me tão fecundo como o idealismo.

— Demagogo e realista. Você não é um homem distinto, amigo Guezturtegui — disse Illunbe.

— Reflectivamente, em Pamplona não seria distinto. Que quere que lles diga? Não acredito na distinção da rua. Ainda não conheci um homem distinto que merecesse ter um criado que lhe limpas as botas. Numa sociedade bem organizada, Pasteur ou Kock ou Wierchow, teriam pessoas a seu lado que lles evitassem trabalhos penosos, porque a sua acção é útil à humanidade; mas D. Jaime de Bourbon, o duque de Alba ou o conde de Romanones limpariam as suas botas com a sua escovinha e a sua salivinha, porque o seu tempo não tem importância para nós.

— Amigo Guezturtegui — gritou Illunbe — você-lhe dizer o que um advogado de Pamplona disse a um socialista.

— Que foi?

— Chamou-lhe demótico.
— Demótico? Não. Pedantismo por pedantismo e helenismo por helenismo, prefiro que me chamem *euleriano* (apaixonado pela liberdade).

— Pela liberdade? E sonha em ser tirano — disse Illunbe.

— E quem não sonha com o mundo? No que não sonho nem penso é no vosso *demos*. Nem Crânia Vasconica, nem Crânia Ibérica, nem Crânia de parte alguma terrestre, já que a gente não pode ser sideral.

— E não pensou que, em harmonia com as suas teorias dos criados, você também teria que limpar as suas botas? — pergunta Luna.

— Eu, não.

— Porquê?

— Porque andaria com elas sujas.

— Isso retrata o seu natural cínico. Em resumo, quais são as conclusões sobre o artigo de Ortega y Gasset?

— As nossas conclusões são: Primeira, que não sabemos se Ortega y Gasset tem razão ou não na sua tese aristocrática, mas cremos que não. Segunda, que, embora a tivesse, parecemos-la pouco filosófica e de carácter muito dogmático a sua má vontade contra a literatura a que chama plebeia, porque tódas as coisas podem ser necessárias na natureza e na arte. Terceira, que não cremos que só haja criação na literatura distinta. Quarta, que não aceitamos a excepção de Cervantes na novela rancorosa e *demidica* (como diria o advogado de Pamplona), e, quinta, que o realismo não nos parece uma cópia servil...

(Caricatura de Bagaria).

(Exclusivo da Illustração).



BELESAS PENINSULARES

A FORMOSA DANCARINA ESPANHOLA ISABELITA RUIZ, ACTUALMENTE TRIUNFANTE EM PARIS, POSSUINDO PARA A «ILUSTRAÇÃO»

(Foto Walken.)



Auto-retrato

A grande guerra originou um grave transtorno em diversos aspectos da consciência humana, uma crise espiritual bastante profunda, que se reflectiu, naturalmente, em todas as manifestações psíquicas do homem. A arte — e muito especialmente a arte pictórica — julgou chegado o momento, ao socorro do vendaval que corria pela Europa, de liquidar um passado estético que, não por grandioso e impressionante, deixava de ser subjugador e tirânico como todos os passados. Sobre grande parte dos artistas avançados desencadeou-se febril iconoclasmo; uma irritação — por vezes fecunda — produzida, sem dúvida, pelo dramatismo duma situação quasi insustentável, marcou a tónica das novas actividades. A pintura, aparentemente desligada de todo o lastro literário, proclamando a sua soberana autonomia de arte independente, adoptou a máscara do humor — herança literária, subterfúgio da literatura — para ocultar no mais íntimo o ressentimento do próprio artista. Estariam todos os caminhos cerrados? Teria acaso o pintor de vedar voluntariamente em si mesmo as exíguas ou abundantes fontes criadoras? Com esta espada de Damocles alçada sobre a cabeça, o artista inquieto e temperamental vivia em contínuo desassossego, às portas dum scepticismo mórbido. A situação ia ganhando tintas dramáticas; nestas circunstâncias, uma crise providencial viria forçosamente abrir as válvulas da fantasia; provocar até uma libertinagem, menos caótica talvez do que à primeira vista pudesse parecer. Surgem então os ismos de

MODERNA PINTURA ESPAÑHOLA

HIPOLITO HIDALGO DE CAVIEDES



O poeta rural e seus pais

toda a laia, modos estéticos fugazes dum conteúdo insubstancial; no meio da confusão, ensaia-se e tenta-se; o medíocre e o impotente reclama — e às vezes consegue — um posto junto ao depurado e nobre; o filisteu indigna-se e põe em dúvida o bom juízo dos artistas; desconfiado e estulto, refugia-se nas obras clássicas, cujos valores essenciais é inapto para captar.

Faz-se em torno do pictórico uma literatura reclamista e capciosa, com ribetes de esoterismo; teorias e mais teorias junto a balbucios e passos na treva.

Kaudinsky deshumanisa a pintura na sua «Improvisação sonolenta»; Picasso e Juan Gris impõem os seus teoremas cubistas.

Um humor cheio de cinismo e uma obstinação angustiada e patética da autêntica novi-



Retrato barroco de S.ª N. V. M.

dade parecem ser os pontos mais destacados nessa crise da post-guerra; crise que, clara está, já estava incubada alguns anos antes.

O artista, e muito especialmente o artista pictórico, recebe com júbilo esta liberdade confusionista; como um bêbê com brinquedo novo, deixa-se embriagar por uma alegria dionísica: como um galeote libertado, quer estirar os músculos e salta e corre e cabrioleia com pituetas histéricas; quer-se vingardum jugo secular e provoca gostosamente e desconcerto e a incerteza; proclama-se o reinado da originalidade louca, a soberania absoluta de tudo que é raro e estranho. Mas a arte não pode aguentar muito tempo semelhante sarabanda; passa a rélega e impõe finalmente uma revisão tanto mais severa quanto maior foi o impulso libertino; o espírito crítico fiska, sorri e espera; são os próprios artistas que, cansados dum exercício tão arriscado e violento, impõe de bom grado um movimento depurador; tornam-se urgentes os deslindes rigorosos — um crivo fino e cuidado.



Natureza morta



Terrazzo

Passa o aluvião e só deixa de pé o que está bem assente, aquilo que repousa sobre sólidos pontais. Surge, como consequência, uma evidente depuração, um refinamento palmário da sensibilidade artística moderna. A natureza, por exemplo, reconquista o seu posto permanente na própria entranha das artes plásticas. Mas é agora uma natureza estilizada, sintetizada e talvez verdadeira como nunca; o espírito psicológico penetra a sua afiada broca numa boa parte da pintura contemporânea, e este fenómeno — iniciado esplendidamente em Dostoiewski — irrompe simultaneamente na arte literária.

Eis aqui algumas telas do jovem pintor Hipólito Hidalgo de Caviedes; palpita nelas um fino e penetrante alento humano, exprimido com uma técnica sóbria e precisa, mas repassada de matizes e qualidades. Da característica mais destacada e genuína deste pintor é essa harmonia dos seus quadros que consegue submeter a um grato equilíbrio os valores puramente técnicos e o substractum espiritual de toda a produção artística. Assim, no quadro intitulado «Gilda» pode-se observar uma relação directa e subtil entre os recursos — bons recursos — técnicos: as dobras do vestido, a posição da mão, a disposição geral da figura, e a vigorosa espiritualidade que o modelo irradia. Nesse rosto inteligente e anguloso de rapariga meditativa, há qualquer coisa de genérico e peculiar a um certo tipo de feminidade universalista; e resulta extremamente sugestivo este acerto psicológico do pintor.

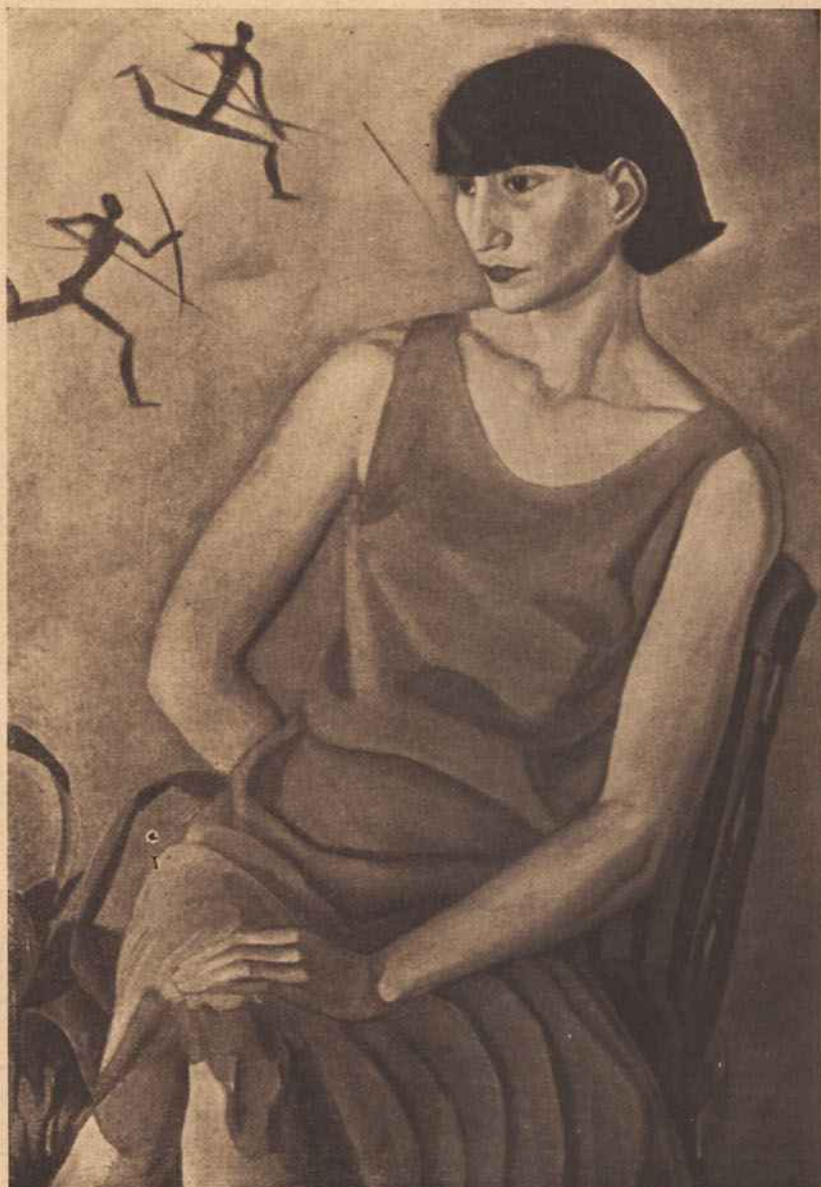
O quadro que se intitula «Terrazzo» contém uma depurada melancolia de crepúsculo urbano; a emoção remansada do instante brota

espontânea e fresca, isenta de artifícios inadmissíveis; as casas ganham aqui um delicado poder evocativo; há uma estranha mescla de tristeza suave e de optimismo juvenil; essa atraente cabeça de mulher rima perfeitamente com o fundo urbano — ela também é uma flor urbana com os olhos extasiados na contemplação de panoramas metropolitanos —; é a mnsa actual da cidade, refugiada num bairro solitário à hora silente do entardecer.

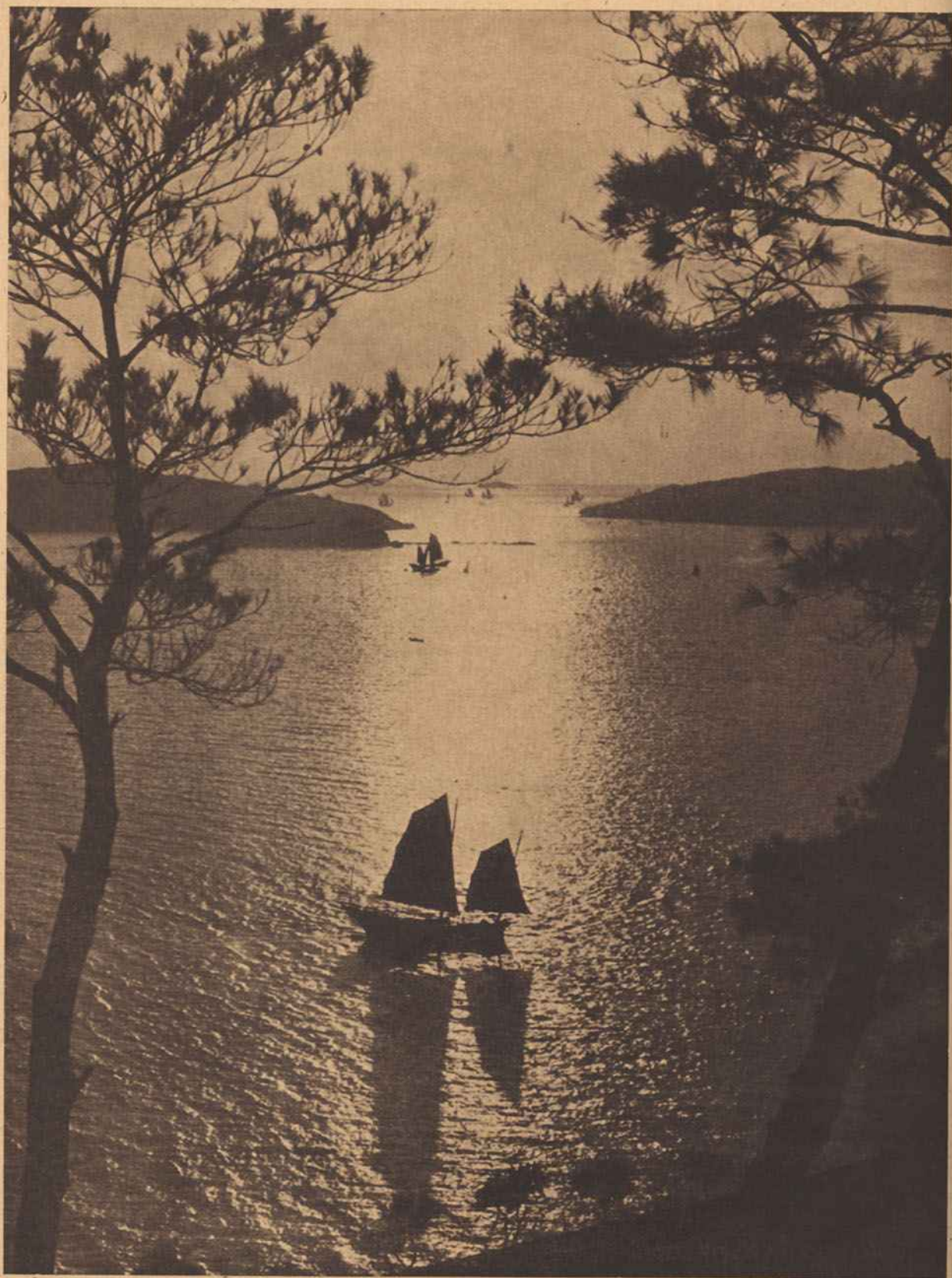
Dum tom caricatural e grotesco, um tanto contagiado de fáceis literatices, é «O poeta rural e seus pais»; a sobriedade e soltura da técnica logra compensar a frivolidade satírica que persegue. Mas o pintor tem a delicadeza

moral de estilizar as figuras dos pais, pasmados ante o «génio» do seu rebento, reservando os traços mais sanhudos para D. Côdeas, poetaastro e histrião. O cretinismo mais agressivo e a mais flagrante necessidade ficam hábilmente plasados no rosto do falso poeta. A ideia que anima o quadro não se presta, realmente, por excesso de inocência a uma sátira de altos vãos. Mas tanto nesta obra como em quasi todas as do pintor Hidalgo de Caviedes, palpita uma intensa espiritualidade junto a um temperamento bem orientado e de forte cunho pessoal. Qualidades estas muito apreciáveis e que bastam para situar a obra deste jovem artista em lugar proeminente e merecido.

FRANCISCO PINA.



Gilda



MACAU PITORESCO—PÔR DE SOL NA BAÍA

(Foto J. Catela.)

GRANDEZAS DE PORTUGAL

PADRÕES DE NOBREZA

PADRÕES DE TRABALHO

NAS MARGENS DO LIMA

UM PRECIOSO MUSEU DE ANTI-
GUIDADES

O «RIO DO ESQUECIMENTO»

Este rio Lima, a que os antigos deram várias denominações, entre elas a de *Lethes* ou *rio do esquecimento* (*flumen oblivionis*), tem sua origem na lagôa Antela, ao norte de Guinzo, província de Orense, e entra em Portugal por Lindoso, desaguando no Oceano Atlântico em Viana do Castelo, depois de banhar as vilas de Ponte da Barca e de Ponte do Lima. São estas e outras povoações que ficam no seu percurso, numa distância de cerca de vinte léguas, que constituem a chamada *Ribeira Lima*—o trecho de terra portuguesa onde a mão de Deus semeou maiores maravilhas.

É por isso que, depois que se admira o imponente estuário de Viana e se penetra em qualquer das estradas marginais que ficam a montante, a gente depressa esquece tudo

que até ali tinha visto e admirado, as imensas lezírias do Tejo, os saudosos campos do Mondego, as ásperas e pedregosas ribas do



PONTE DO LIMA — Igreja matriz

Douro, as veigas férteis do Ave, os prados e campinas do Cavado e até as margens suaves, mancinhas e por vezes merencórias do poético Minho, nas ramarias de cujos freixos e salgueiros parece ouvir-se continuamente, um rumor de trovas e tonadilhas.

Aqui junto desta corrente mansa e cantante do rio Lima, cujas águas fertilizam e fecundam toda a terra em que tocam, é tão grande a impressão de assombro e de encantamento, que se sente realmente vontade de excluir com Sá de Miranda:

*Oh! que inveja vos hei a esse correr
Pela prata do Lima abaixo e arriba,
Que tem tanta virtude de esquecer!*

E esta sensação de olvido, de alheamento de tudo que noutras partes vimos, sentimos e observamos, éste quasi desprendimento de

PONTE DO LIMA. — Portal e braço de armas
do Paço de Vitorino

nós-mesmos, tornam-se tão objectivos, tão reais, que tudo, à nossa roda, parece andar esquecido dos destinos da criação; toda a Natureza vibra, inturgescce, palpita, num inebriamento de luz e de cor; a vida, aqui, não é movimento, arruido e acção, mas calma, silêncio, voluptia, atordoamento dos sentidos, enleio do espirito; foi talvez nalgum dia remoto, e nas margens deste rio, que certos filósofos inventaram o *nirvana*, o repouso ou aniquilamento absoluto depois da morte; e até estas próprias águas, impregnadas dos sentimentos que despertam e comunicam, talvez também embebecidas nas maravilhas que elas próprias produzem, quasi se esquecem de fazer deslizar a sua corrente, a qual, como disse Diogo Bernardes,

*...parece se arrepende
De levar água doce ao mar salgado.*

Mas o rio e as suas margens, as povoações que elle banha, os campos, os vales, as colinas, os bosques, as montanhas, tudo está admiravelmente descrito e cantado por numerosos poetas que ao sem destas águas dedicaram a sua lira, desde Diogo Bernardes e Fr. Agostinho da Cruz a António Feijó e António Ferreira um dos mais belos espiritos e dos talentos mais brilhantes da moderna geração literária.

PONTE DO LIMA

MONUMENTOS E SOLARES

Ponhamos, pois, de parte, pinceis de artista, porque poderiam manchar quadros já pintados com tanto colorido e vibração, e que verdadeiramente nos não impressionam pelo descritivo ou pela pintura, mas pela sua

PONTE DO LIMA — Igreja de Santo António
dos Frades



PONTE DO LIMA — Portal da Torre das Donas

observação directa, não podendo a alma exprimir o que sente, nem as mãos desenhar o que os olhos veem.

Falemos antes do que é mais apreensível, do que fica mais ao alcance dos nossos sentidos.

A Ribeira Lima é, sem dúvida, o mais rico, opulento, assombroso museu de preciosidades arqueológicas e artísticas em nosso país existente. Os velhos solares, os magestosos palácios, os grandes santuários e orgulhosos mosteiros, as igrejas e capelas, os pelourinhos, cruzeiros e fontenários de estilo antigo, tudo se succede com abundância extraordinária, sendo apenas difícil a escolha e por vezes quasi impossível a rebusca.

Mas, de todas as povoações que marginam este rio, a Ponte do Lima cabe, talvez, o maior quinhão nessa prodigiosa riqueza histórica e architectónica legada por nossos antepassados.

Vila cuja origem se esfuma e desaparece no horizonte dos tempos, pode soberanamente orgulhar-se do seu passado, em que os nobres feitos emparelham com as generosas acções, e ao lado dos padrões de nobreza se erguem talvez ainda mais belos padrões de trabalho.

As casas antigas que se elevavam por toda a parte, e muitas das quais hoje se encontram em ruínas ou horrorosamente mutiladas, são eloquente e ainda vivo testemunho do patriotismo dos antigos varões ilustres que por aqui houve, e que os primeiros reis tornaram senhores de *juro e herdade*, pelo esforço empregado na conquista e defesa da terra.

É certo que Ponte do Lima não soube conservar intacto este seu museu de antiguidades e foi das povoações portuguesas a que mais duramente sofreu os efeitos das brutalidades e vandalismos da inovadora estética provinciana, que assumiu, no nosso país, as proporções duma assinalada calamidade pública, no dizer severo mas justo do eminente arqueólogo dr. Manuel Monteiro. E nem sempre também esta vila foi intenso

foco de patriotismo, tendo na sua história manchas, como outras muitas povoações, não por culpa dos seus habitantes mas dos homens que disputavam do mando e do poderio.

Foi o que aconteceu no tempo do Mestre de Aviz, o Defensor do Reino, a quem Portugal deveu, nesse momento crítico, a salvaguarda da sua independência.

Tendo D. Nuno Alvares Pereira empreendido uma devota peregrinação a S. Tiago de Compostela, com um numeroso troço da sua gente, encontrou pelo caminho muitas povoações que não reconheciam a legitimidade do Mestre à Coroa portuguesa. A-pesar da sua religiosidade, entendeu que, acima das homenagens ao Santo, estava o culto da Pátria, e investiu com os rebeldes, tomando à força das armas o Castelo do Neiva, a então vila de Viana, e depois Caminha, Cerveira e Monção, estas sem resistência. Subindo pelo centro do Minho, D. João tomara Guimarães e Braga e duas povoações apenas se mantinham ferozmente insubmissas: Melgaço e Ponte do Lima, esta última defendida pelo

fronteiro galego Lopo Gomes de Lira, que o fraco D. Fernando enchera de dádivas e honrarias.

Isolando com hábil estratégia a povoação limiana, o Condestável retrocede, junta-se em Braga às hostes do Mestre de Aviz e ataca Ponte do Lima, cujas portas lhe são abertas por dois valerosos cavaleiros do tempo, os irmãos Estevam e Lourenço Malheiro, mais tarde senhores da Torre de Refoios.

Sem menoscular a bravura e coragem do castelhano, é lamentável, contudo, que um investigador de nomeada, o sr. dr. Figueiredo da Guerra, exalte calorosamente a sua memória e os seus feitos, aleluando de traidores os que nobremente serviram a causa de D. João, que era a da Pátria, e entoando lóas a Melgaço que continuara a zombar «impunemente das iras joaninas». Parece que os Liras deixaram por cá descendência.

IGREJA MATRIZ

A primitiva igreja parochial de Ponte do Lima, com a invocação de S. Vicente Martir, ficava um tanto distante da povoação, motivo porque o povo, no século XIV, solicitou a sua transferência para a actual matriz, onde então se encontrava a Irmandade do Espírito Santo, para ali transferida da freguesia da Correlhã.

Esta igreja foi Colegiada e teve beneficiados, tesoureiros e coreiros, e ainda quatro capelães por fundação de el-rei D. Manuel.

É um templo magestoso mas com numerosos e variados enxertos architectónicos, conservando do traço primitivo, — o românico de transição —, apenas a porta principal.

CASA DO ARRABALDE

É uma das mais belas e magestosas construções de Ponte do Lima, em estilo D. João V.



PONTE DO LIMA — Casa da Torre das Donas

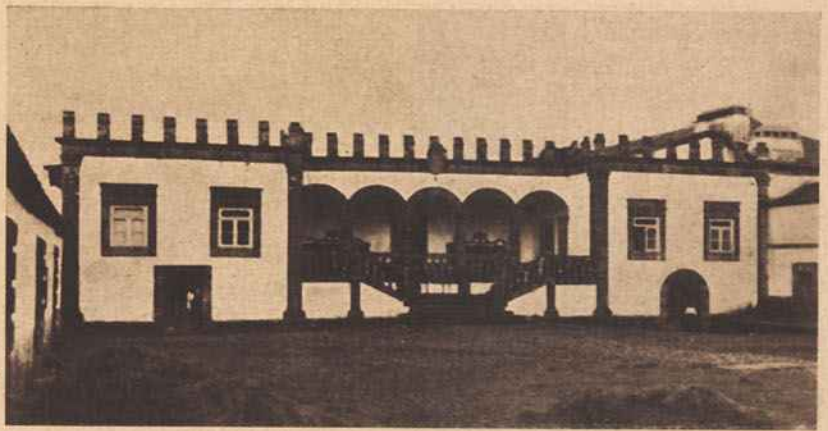
Na capela desta casa existem belos quadros em azulejo com motivos religiosos.

Ignora-se o nome do seu construtor, sendo tradição que foi pertença das freiras do Convento do Vale de Pereiras, fronteiro à Ponte do Lima. Em princípios do século passado, aí por 1824, era governador de Din o brigadeiro Francisco de Melo da Gama de Araujo e Azevedo, filho de António José da Silva e Melo, senhor da casa da Garrida, e de D. Maria Micela da Gama de Araujo e Azevedo. Foi servir para o ultramar ainda muito novo, como oficial do exército, estando na África, na Índia e em Macau, onde comandou o Batalhão do Príncipe Regente. Como governador de Din, sufocou várias revoltas, sendo condecorado com as ordens da Torre e Espada e de Aviz.

No regresso à metrópole, já no posto de Marechal de Campo, foi-lhe oferecido o título de Conde de Din, que recusou.

Era conhecido por o Morgado da Garrida, por ser oriundo daquela casa, em S. João da Ribeira, mas em Ponte do Lima foi habitar na casa do Arrabalde, que parece ter adquirido a possessores ignorados.

Tinha fama de valente e rico, e, sabendo que andava ameaçado, dormia de carabina à beira da cama. Uma noite, foi o prédio assaltado por um numeroso grupo de mascarados, ao que parece com a convicção duns criados pretos que o marechal tinha. A-pesar de entrado em idade, não se intimidou, procurando fazer frente à malta. Alguém do grupo lhe fez notar, porém, que se comprometteria sem vantagem, pois lhe seria impossível liquidá-los a todos. Convencido da inutilidade do seu sacrifício, deixou-se manietar, e grande foi o seu espanto quando, ao observar os assaltantes a frio, reconheceu entre eles algumas das pessoas mais gradas da vila.



PONTE DO LIMA — Fachada do Paço de Vitorino (Casa Queimada)

A casa foi saqueada, sendo as pratarias e mais ricos valores transportados em burros de almocreve, numa importância, ao tempo, duns vinte contos.

Reza a lenda que ainda hoje, em certas casas de Ponte do Lima, há baixelas de prata e outras joias pertencentes à casa do Marechal.

Viveu mais alguns anos nesta casa, transportando-se depois para o seu solar da Garrida, onde faleceu.

Indo mais tarde à praça, a casa do Arrabalde, foi adquirida, em hasta pública, pelo juiz dr. Pinto Osório, escritor brilhante e um dos mais notáveis magistrados do seu tempo, companheiro em Coimbra de Antero de Quental e de alguns dos mais distintos vultos na política e nas letras.

Por desgostos íntimos, o dr. Pinto Osório desfez-se, passados anos, desta casa. Mas, como a tinha em grande estimação, e não queria que fosse parar a mãos de gente sem gosto, conseguiu do seu colega na magistratura, já falecido, conselheiro Vieira Lisboa, que ela

ficasse na posse da sua família. Assim aconteceu, sendo adquirida pelo sobrinho daquele magistrado, o sr. António Vieira Lisboa, seu actual proprietário, que a tem conservado religiosamente, como admirável obra de arte que é.

IGREJA DE SANTO ANTÓNIO DOS FRADES

Foram sempre em grande número no nosso país os conventos de Franciscanos, mas em maior quantidade os dos Frades Menores que os dos Capuchos.

Pertencia a este último ramo da ordem Franciscana o convento que ainda hoje em Ponte do Lima é conhecido por *Santo António dos Frades*.

Foi fundado em 1480 por D. Leonel de Lima, 1.º visconde de Vila Nova de Cerveira, e por sua mulher D. Filipa da Cunha. A princípio, os frades que o habitavam eram menores, mas em 1525, tendo Mateo de Bacci feito a reforma dos franciscanos, fundando a família dos Capuchos, este convento adoptou a nova reforma.

O estilo da igreja parece indicar-lhe data muito posterior à fundação do convento, pois deve ser obra do século XVII ou XVIII, mas é natural que houvesse apenas modificação na fachada, porque o interior denota data mais antiga, mórmente pelas numerosas sepulturas de nobres que ali existem.

Há neste convento uma lenda curiosa. O fundador ou imediato administrador duma das capelas, que era tabelião e pertencia a uma família ilustre de Ponte, rénegou a religião católica e fez pacto com o diabo, que várias vezes aparecia disfarçado na sua figura e o tratava tu cá, tu lá, como igual, considerando como própria a casa d'ele.

Parce que à hora da morte, ou por fingimento ou de facto arrependido, tentou fazer as pazes com Deus, recebendo o Sagrado Viático. Depois de sepultado, alta noite, bateram à porta do convento uns desconhecidos,



PONTE DO LIMA — Casa do Arrabalde (Estilo D. João V)



PONTE DO LIMA — Capela do Paço de Vitorino

que depois se soube serem demónios disfarçados, e que, acompanhados da comunidade, se dirigiram à capela, destaparam a sepultura e obrigaram o cadáver a vomitar a hóstia que havia tomado sacrilegamente.

Em seguida, agarrando-o pelos cabelos, desapareceram com o cadáver pelo tecto abobadado, onde deixaram uma larga abertura chamuscada, levando assim o desgraçado em corpo para as profundas do inferno.

Das mãos ou pés dos diabos, ficaram vestígios nalgumas pedras, perto do rio, que corre perto, e ainda hoje há quem jure ter visto e distinguido perfeitamente as pégadas infernais.

Alimenta-se com estas patuscas lendas a imaginação popular. E o certo é que os frades

não só retiraram o culto da capela, como a destruíram mais tarde.

Uma das velhas reliquias de Ponte é o cruzeiro do Arnado, um campo sobranceiro ao Lima, na margem direita. Também denominavam aquele sítio o Souto da Forca e Lugar de Faldejães, na freguesia de Arcozelo. Já o autor de «Os Estrangeiros no Lima», dr. Manuel Gomes de Lima Bezerra, que escreveu no tempo do Marquês de Pombal, lhe chama obra muito antiga, sem fixar-lhe data.

O MOSTEIRO DE REFOIOS

A história deste mosteiro, que fica na freguesia de Refoios, estrada de Ponte do Lima aos Arcos, prende-se com os fundamentos da nacionalidade. Foi mandado edificar, segundo é fama, por D. Afonso Ancomondes, um dos francos aventureiros e valentes que acompanharam o conde Henrique de Borgonha, coadjuvando-o na fundação do condado português.

O mosteiro, construído entre os anos de 1112 e 1120, foi entregue aos cônegos Regrantes de Santo Agostinho, sendo seu primeiro prior D. Pedro Mendo, filho do fundador, D. Afonso Ancomondes.

Foi sucessivamente enriquecido com numerosas doações e gozou de grandes regalias, sendo um dos mosteiros mais notáveis do Minho.

Recentemente, estava na posse da família Mendes Norton, tanto o edifício como a cêrea, muito importante.

OUTROS SOLARES

Uma das mais imponentes casas solarengas que se encontram na vizinhança de Ponte do Lima, a-pesar da sua reconstrução relativa-



PONTE DO LIMA — Cruzeiro do Arnado

mente recente, é o Paço de Vitorino, da família dos Abreus Coutinhos, situada na freguesia de Vitorino das Donas.

É este magestoso edifício vulgarmente conhecido pela denominação de *Casas Queimadas*, o que recorda um trágico episódio das nossas lutas liberais. Em 1836, era senhor deste solar Francisco de Abreu Pereira Coutinho, coronel do extinto Regimento de Milícias dos Arcos de Val de Vez e fervoroso adepto da causa miguelista.

Os liberais de Ponte, desvairados pelo ódio político, sempre condenável, formando grande magote, dirigiram-se à casa do Paço, em Vitorino das Donas, e, não encontrando o fidalgo, destruíram a mobília e deitaram fogo ao prédio.

Foi depois restaurado com arte e bom gosto e continuou na posse da família do fidalgo, sendo um dos seus últimos representantes o sr. conde de Paço de Vitorino, ha anos falecido. Estavam anexos a esta casa os vínculos de Barco, Cortegaça e entros.

Nesta freguesia há outras casas antigas dignas de menção, e a que faremos posteriormente mais detalhada referência.

Mencionaremos hoje apenas, para concluir esta primeira referência a Ponte do Lima, a casa da Torre das Donas da família Azevedos, e que pertence aos herdeiros do falecido Visconde de Torre das Donas, que no tempo da monarquia foi governador civil de Viana do Castelo. Pertenceu também a esta família o antigo lente de Coimbra, dr. Manuel de Azevedo de Araújo e Gama.

(Foto de Álvaro Martins).



PONTE DO LIMA — Mosteiro de Refoios

REINALDO FERREIRA
SOUSA MARTINS.

P L Á G I O S

Não é por aquele intento imperfeito dos homens, de sempre haverem gosto nas imperfeições alheias, mas muito diferentemente, sob a intenção de louvar uma suposta pecha, que, neste artigo, transcrevo dois belos e velhos sonetos. É pueril dizer que o primeiro é de Luís de Camões, que muita gente, além da que fala português, sabe, nasceu em 1525 e em 1580 morreu.

*Amor é um fogo que arde sem se ver,
É ferida que dóe e não se sente,
É um contentamento descontente,
É dor que desatina sem doer;*

*É um não querer mais que bem-querer,
É solitário andar por entre a gente,
É um não contentar-se de contente,
É cuidar que se ganha em se perder;*

*É um estar-se preso por vontade,
É servir a quem vence o vencedor,
É um ter com quem nos mata lealdade.*

*Mas como causar pode o seu favor
Nos mortais corações conformidade,
Sendo a si tão contrário o mesmo Amor?*

Comparemos a este imortal soneto, este outro, de Francisco de Quevedo Villegas, nado em 1580, e finado na formosa Vila Nova dos Infantes:

QUÉ ES EL AMOR

*Es hielo abrasador, es fuego helado,
es herida que duele y no se siente,
es un soñado bien, un mal presente,
es un breve descanso muy cansado.*

*Es un descuido que nos da cuidado,
un cobarde con nombre de valiente,
un andar solitario entre la gente,
un amar solamente ser amado.*

*Es una libertad encarcelada
que dura hasta el postrero parasismo,
enfermedad que crece si es curada.*

C É L E - B R E S

*Este es el niño Amor, este es su abismo;
nadaad cuál amistad tendrá con nada
el que todo es contrario de sí mismo.*

Haveria Quevedo plagiado Camões? Todos dirão: «Certamente!»...

Mas, qual a razão de não haver Quevedo plagiado outrem? Lembremo-nos desse conto milenário que Petrónio encadeou no seu «Satiricon», e, que dormiu muitos séculos, até que Voltaire o resuscitasse. Há flagrantes plágios e coincidências, assim escondidos sob o pó dos tempos e dos lívresiros.

Petrarca colheu a sua erudição dos pergaminhos preciosos, abandonados durante o barbarismo bisantino.

As suas «canções», harmoniosas como a quebraça idílica da fonte de Vanelusa, são gloriosos écos pagãos, são o calor que esse divino fogo investe e reveste de terna «enclanção».

Qual será o escritor erudito, alimentado de eloquentes procuras, leitor encantado de uma arte que difunde, que não haja sofrido uma influência?! Quantas vezes um leitor delatado, não pensa: «Parece haver sido escrito por mim!...» O que é a educação senão um plágio! O que é o conselho seguido senão plágio também!... Porque motivo a criança balbucia a língua materna! O que fazem os homens, vivendo sob a férula da justiça, e, a pena suspensa da História?! Não fazem mais do que plagiar. A virtude e a imoralidade são muitas vezes plágios. Como plágios são todos os aforismos e conceitos. E ainda, todas as invenções, que podem ser plágios benéficos e úteis. Entre estas invenções, esqueçamos o órgão, que foi a fruta de Pan;

a roda: um disco, cortado dum tronco liso que rola; o garfo, dentado como a mão hirta e aberta; o lar: buracos em vertentes ou dolmans sobrepostos; as colunas dos templos, que são as árvores das florestas; os capitéis: tufofos acantos; a arquivolta: a curva airosa dum galho! E a taça, não será uma concha alva das praias, ou, a mão cônica que desaltera a boca sedenta?! Esqueçamos, pois, estes maravilhosos plágios. Pensemos no Verbo, que é quasi um plágio; «quasi», e, que foi no temor dos deuses dos senhores dos escravos cristãos, «quasi» o Verbo. Há alguns séculos que os teólogos transmitem esta preciosidade neo-pagã, como outras invenções «neo-velhas». E assim, clogiando o plágio, que sob a sua bafagem permanente e admirável, mostrou quanto Camões foi grande, assim como Petrarca, Dante, Racine, Rabelais, Corneille... lembremo-nos do Bolchevismo, que é igualmente um plágio: o plágio do século III de Cristo, ou seja, o estertor da civilização... temporariamente. Pensemos na época pre-histórica... mas, grande época, por não ter doutores, clorofórmio e pólvora.

Plagion Camões? Plagiou Quevedo? Que importa! Quem eu sei que não plagiou foi Gracinda, uma moça poveira e encantadoramente ignorante, que serve com felicidade os meus repastos. Havia muito que eu lhe perguntava: «Gracinda. Viste o Verbo?» Ela respondia-me: «Não vi». Então, pôs-se a pensar: «O que será o Verbo? O Verbo deve ser uma coisa que o senhor não vê há muito tempo». E ontem, quando novamente lhe perguntei: «Gracinda... Viste o Verbo?», ouvi horrorisado: «Sim, senhor!... Vi-o hoje!...» «Então o que é? perguntei assustadíssimo. E ela: «É o kágado!» O kágado que está sob as folhas das hortências, há muito, invernando, no jardim esquecido! Respirei e louvei. Gracinda não plagiara, inventara verdadeiramente, sem maldade e sem ufania.

JAYME DE BALSEMAO.



AHORA DO MAILLOT NA FOZ

POR GVEDE S DE AMORIM

ILUSTRADO POR CARLOS CARNEIRO

O Verão pode ser considerado a época do rejuvenescimento das praias. Tira-lhes as rugas, os aspectos de fadiga, de velhice, que o Inverno lhes deixa. Transforma-as em grandes esplanadas, enche-as de sol, envia-lhes movimento e variedade, e veste-as de cores tagarelas, de «maillots», de um intenso, de um profundo amor à Vida.

Como tôlas as praias, a Foz espera pelo

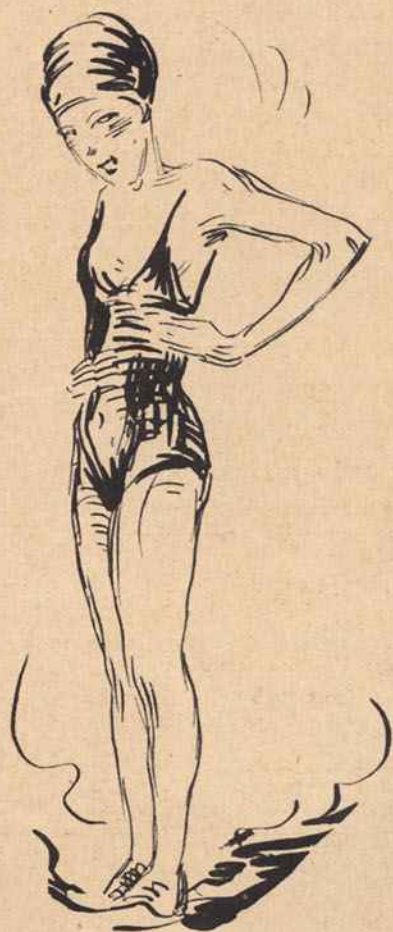
Verão para que a sua fisionomia se possa livrar da senilidade que a envolve durante o resto do ano. Quando chegam os fios dourados do sol, deste sol quente, que transforma o céu num incêndio de ouro, — a Foz volta a ser menina, a ser a apaixonada do Pôrto e de todo o Norte. É a sua mocidade, a sua mocidade colorida, apetitosa, chama os corpos esguios das mulheres e as pernas traquinas das crianças para os braços das ondas...

A meio do Verão, deste Verão que é o propagandista das carícias, das boas qualidades do Mar, há gente de todo o Norte na Foz. Debruçados na areia, avistam-se rostos de tôdas as aldeias, vilas e cidades do Douro e Minho. Pitando o tapete oceânico, encontram-se olhos, muitos olhos, de metade de Portugal. Porém, a Foz, que recebe com sorrisos de sol todos os veraneantes, não se esquece de os dividir, de os catalogar, de os classificar em praias diferentes, com muito carácter, com o carácter que deva falar, que deva justificar os seus habitantes, os seus inquilinos, os seus moradores desta época.

A Foz faz lembrar três mulheres, três mulheres encantadoras, com a mesma idade, debaixo do mesmo teto luminoso, mas, cada uma com a sua educação, com as suas *toilettes*, dentro de diferentes maneiras de compreender o Mar. São três mulheres de beleza distinta, que se juntam no nome da Foz, mas que vivem afastadas, separadas, por diversos reposteiros de atitudes de sociedade.

Praia do Caneiro: é a mulher, é a praia mais popular da Foz. Faz lembrar uma feira

de gente, à beira-mar. Tem corpos de tôlas as ruas do Pôrto e tem figuras de todos os povos nortenhos. Contudo, é uma praia sem garridice — é uma mulhersinha de casa muito pálida, que olha, esquecidamente, a névoa licorosa do horizonte, muito afogada em melancolia. Mais adiante, numa pequenina serra de areia scintilante, encontra-se a Praia da Luz — uma linda rapariga sem luz... É habi-





taia desde o coração da tarde, por muitas crianças e por algumas silhuetas femininas com um ar saudosista, que se escondem de baixo de barracas como viúvas dentro de pequeninos quartos. É nesta praia que se encontram muitos rostos tristes, melancólicos, de minhotas. Muitas, muitas crianças, saltam, gritam, brincam com as ondas, de baixo dos olhos policiais das suas criadas. Esta Praia da Luz faz lembrar, por isso, uma linda fidalguinha de romance, abraçada a um mundo de filhos.

Nestas duas primeiras praias, a Foz toma banho como um doente toma um tónico. De manhã, uma e outra entram no grande tanque oceânico, dentro de fatos que parecem muralhas de corpos, e demoram-se pouco tempo, sem uma gargalhada, sem um salto, sem um gesto de alegria. As crianças são as únicas excepções de contentamento. Pela tarde, as duas praias são muito semelhantes a duas pobres raparigas, quasi iguais, quasi irmãs, na sua permanente atonia, na sua profunda distância da Alegria.

Contudo, a Foz defende e mantém os seus encantos com a Praia do Molhe. É uma praia que tem atitudes, maneiras de praia internacional. O Molhe veste-se em Paris e toma

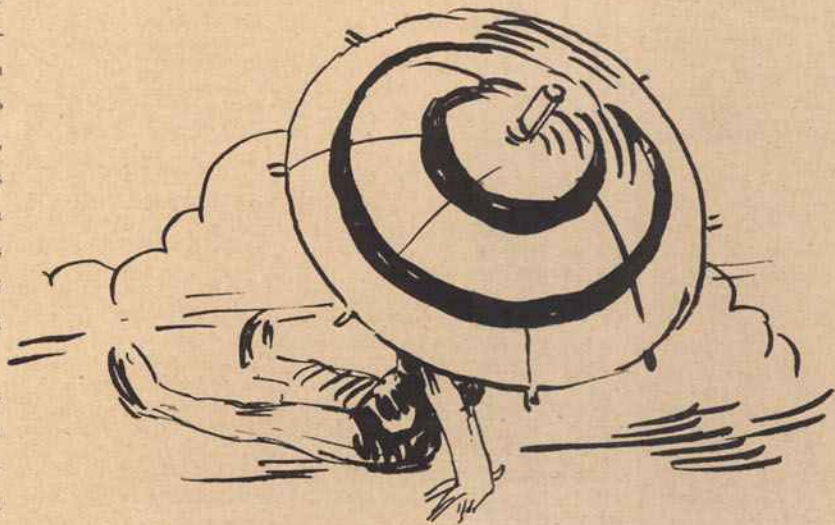
banho em Portugal. Toma banho, às vezes, por prescrição médica, mas também o toma, todas as tardes, dentro das etiquetas coloridas dos *maillots*, por vaidade, por luxo e elegância.

A Praia do Molhe é a mais linda rapariga da Foz — uma rapariga civilizada, que lê Paul Morand e Maurice Dekobra; que deseja voar de aeroplano. Quando a tarde vai a meio do caminho, as pernas que se espalham ao longo do Molhe, nuas, brilhantes como folhas de marfim, cortam a água, cortam o Mar. É a hora em que os toldos, listados como origi-

nais guarda-sóis, estão apinhados de moradores da praia. É a hora em que a Foz tenta fazer da praia do Molhe uma pequena amostra de Biarritz, um retalho de praia de todo o mundo...

O dia da Foz não morre, não desaparece com os últimos minutos da tarde. Entra pela noite dentro, prolonga-se, vive, em passos lentos, vagarosos, na Avenida Brasil. Entre as novidades que a Foz apresenta, este ano, há um grande motivo de atracção que é, nada mais, nada menos, que uma esplanada — uma larga, extensa, varanda, onde se debruçam os apaixonados da incerteza do Mar. Onde se pode debruçar toda a Foz!...

As noites da Foz são, até, grandes e perigosos rivais dos dias. São noites frescas, refrigerantes, a que o Porto assiste com toda a sua população. Vivem dum intenso, dum enorme movimento. Os eléctricos trazem-lhes todos os habitantes portuenses. Um grande mundo, passeia, ouvindo os murmúrios do Mar. Ao contrário dos dias, a Foz não se divide em secções — não parece retalhada em praias. Juntam-se, cruzam-se, aparecem no corredor da extensa avenida, *toilettes* de todas as classes, chapéus dos mais diversos modelos. Toda a Foz se diverte, passeia lentamente, sem se importar com distinções... Na noite linda e negra, a Foz é, na Avenida Brasil, um pequeno universo, indolente, pas-scando e adorando o hálito refrigerante do Mar.



REPORTAGEM LITERÁRIA

QUANTO GANHAM E COMO VIVEM

OS "AZES," LITERÁRIOS DA ESPANHA,
FRANÇA E INGLATERRA

(CONFIDENCIAS INDISCREÇÕES, INTIMIDADES E EXTRAVAGANCIAS)

I

A LITERATURA
DE ENCOMENDA

Hoje em dia encomenda-se um artigo, uma novela, um romance — como se fosse um auto, uma caixa de sabonetes ou um fato à medida. A literatura, presa no vértice da civilização, ao ritmo da vida moderna, palpitando sob a regência do «deve e haver», não pode evitar as barbatanas do espartilho económico. Os escritores e os jornalistas tornaram-se industriais da sua pena — seja a sua obra criadora de grandes fórmulas sociais, seja apenas inspiração enrespada pela fantasia ou pela beleza.

Longe, muito longe, o tempo em que o poeta esperava que a tuberculose viesse perfurar-lhe os pulmões — para que, salivando sangue, rimasse as suas maguas de amor... Longe, muito longe, o tempo em que os sonetistas eram aparelhados aos bobos e alimentados na cozinha dos fidalgos generosos e basofiantes de literatice. Longe, muito longe, o tempo em que o conto era escrito na madraçaria da vida burocrática, em papel do Estado. Longe, muito longe também a época em que se subvenionava Camões com quinze mil réis annais; em que Edgar Poe sabia de cor a morada de todos os pendoristas de Nova York e de Chicago; em que Balzac fugia dos crédores como as lebres dos rafeiros...

Hoje não! O Wells, o filósofo ironista da *Terra dos Cegos*, tem a contabilidade ordenada pelo seu guarda-livros; Pierre Benoit recebe um milhão de francos pela filmagem do *Lac Salé*; Clement Vautel, o inventor dessa marca registada da literatura que é *Mon Curé*, dispõe dum reclamista contratado ao mês; Claude Farrère, o dos romances perversos do oriente, montou escritório de romances e contos com dactilógrafas, telefão e *groom* fardado; Blasco Ibañez viajava com uma caravana de tradutores que vertiam simultaneamente para inglês, francês, alemão e italiano o sangue aguçado da sua gasta e saudável imaginação; o jornalista Henry Beard faz viagens a quinientos mil francos ida e volta — e o repórter americano Tom Stevens recebe mil dollars por cada proesa quasi cinematográfica que faz linotipar nas suas gazetas.

O jornalista, o repórter, o escritor, dèste vigésimo acto da Era Cristã necessita, pelas exigências que giram, como hélices, à sua

DAS CAUTELAS DE PENHOR DE EDGAR POE AO GUARDA-LIVROS DE CLAUDE FARRÈRE. — NOS BASTIDORES DUMA MANUFACTURA DE CRÓNICAS E ROMANCES. — BARCELONA, FAUNA DE ESCRITORES EXCÊNTRICOS. — A ÚLTIMA AMBIÇÃO DE LUIS DE VALE. — ORSRAMOS, O HOMEM DOS CEM PSEUDÓNIMOS. — CAPDEVILA I.^o. — GRAÇAS E CHISTES POR GROSSO E A RETALHO. — MUSOZ SECA, O COMEDIÓGRAFO MILIONÁRIO. — O ROMANCE DA VIDA E FORTUNA DE BLASCO IBAÑEZ. — OS «CUATRO JINETES» E O EPISÓDIO DO PRINCIPE JOGADOR. — CLEMENT VAUTEL, O SEU FILME E O SEU «CURÉ». — DOIS MILHÕES DE FRANCOS EM POUCOS DIAS. — O PLÁGIO DA «SHE», O BUSTO À PROSA DE HUGO E RAPTO DOS IRLANDESES E OUTROS RÉCLAMES AMERICANOS DO SR. PIERRE BENOIT. — A ASTRO-

NOMIA DAS ALMAS, A PSICOANALIZE DO DR. FRENDE E OS ROMANCES DO SR. DEKOBRA. — O SOCIALISMO FINANCEIRO DOS ESCRITORES INGLESES. — OS REMEDIADOS E OS AFORTUNADOS. — COMO NASCEU «SHERLOCK» E AS PRIMEIRAS DEZ LIBRAS DE CONAN DOYLE. — SETE ESCRITORES NUM SÓ OU A VARIÉDADE DE GÊNEROS DE WELLS. — OS PRINCÍPIOS DOS ROMANCISTAS E AS SUAS PROSPERIDADES ACTUAIS. — E NÓS?

volta — organizar a sua vida como qualquer industrial. Pode e deve mesmo não abdicar dos seus sonhos, matéria prima da realidade da sua obra — e quem sabe de uma obra social, longínqua ou próxima; não pode nem deve transigir com o mau gosto colectivo; mas precisa defender o seu esforço, o produto exprimido a diário da sua massa cinzenta, tão preciosa como qualquer outra massa, e de muito difícil concerto quando entra em deficiente funcionamento.

Por sua vez, os editores, as empresas jornalísticas, os livreiros — depositários para por grosso ou a retalho da inspiração simples ou de luxo dos escritores, organizaram-se engrenando com as outras peças mecânicas da sua época.

Necessitam de um artigo de determinada feição e para determinado efeito — se é gazeta — ou farejam a oportunidade de um romance de tal feitio ou recorte: e o boletim de requisição sobe ao chefe do expediente. Fste conferencia com o Conselho técnico. Passa-se revista aos nomes dos fornecedores em contacto com a empresa. Para o género desejado — convém Fulano... É a dactiló-

grafa, teclando na sua *Remington*, tem a honra de encomendar a Fulano «um romance de tais dimensões», ou «um artigo do modêlo tal».

A carta vai para o correio — e o correio entrega nos escritórios de Fulano. Mas não é Fulano quem rasga o envelope. Para essa burocracia lá está o secretário da correspondência. É este que lê, regista — e comunica ao escritor as

encomendas recebidas. Fulano por sua vez dito à sua *dactilo* a resposta. Que accita — mas o preço mínimo que pode fazer é de tanto.

O preço é discutido — mas chega-se sempre a um acôrdo. É assente o negócio o escritor aponta no seu *block-notes*: Um romance de duzentas páginas, ligeiramente galante (ou com sabor misterioso ou puro e inocente como uma poesia de padre, conforme a encomenda), escrito em estilo 8 com bastantes neologismos e algumas imagens originaes para ser entregue no dia tantos... E não pensa mais nisto.

Tôdas as manhãs Fulano, ao abancar à sua mesa de trabalho, consulta a fôlha das encomendas — e por ela regula a velocidade que deve dar à sua imaginação e à sua pena. Necessita terminar rapidamente a novela encomendada pelo *Magazine Z*; depois tem o artigo quotidiano para o *Diário Y*; e como está em quinta-feira, véspera de sexta — e sexta é o dia da sua secção na *Fôlha W*, precisa também rabiscar a crónica para a *Fôlha W*. Mas não param aqui as suas preocupações. Ao domingo parte barco para o Rio — e é preciso cumprir os seus contratos com a imprensa brasileira. E o *Daily...* de Londres, já lhe telegrafou censurando com britânica estranheza a demora no artigo pedido pela sua carta de tantos de tal. E o editor Beltrano tem a tipografia sêca do original romance de costumes persas pago adiantadamente. E...

...E o escritor, como alfaiate bem afeuzgado, ensina ao caixeiro umas mentiras para sossegar a impaciência dos clientes, e rapando da estilografica, como de uma tesoura do officio, desata num vertiginoso galope sobre a estrada alvíssima do papel — deixando, como rasto da sua passagem, os sulcos negros da tinta...

II

A INDÚSTRIA LITERÁRIA CATALA

A primeira vez que tive uma noção, embora atrofiada, do americanismo da vida literária

moderna foi em Barcelona, quando os azares ciganos da vagabundagem me obrigaram, em país estrangeiro, a cavar o pão de cada dia com a enxada da minha velha «Waterma».

Os profissionais das letras barcelonesas não conhecem talvez o reflexo do seu nome, exibido em placards luminosos nos bulevards do mundo; — mas o que conhecem, sim, e melhor que os seus confrades de Madrid, é o benefício fôfo e cômodo da sua organização editorial.

De Barcelona irradia toda a livrallhada que as vinte repúblicas hispânicas, do México à Argentina, necessitam para o seu consumo. Fazem obra especial, de todos os gêneros — e adaptam, ao paladar americano, a literatura de êxito legítimo que em Espanha se publica.

Calculam-se cem casas editoras, em Barcelona. Mas algumas, como Mancei e Sopena, instaladas em casarões mais próprios para fábricas de chourços do que de produções intelectuais, têm, dia e noite, em contínuo *relantan*, baterias de muitas dezenas de linótipos.

Barcelona edita de tudo: desde o livro para crianças — até à Bíblia comentada; desde o romance com intenções sociais — até aos compêndios mais extravagantes; desde o livro libertino até à novela católica, apostólica, romana. Mas o surpreendente é que os fornecedores dessas emprêsas são tão enciclopédicos, tão «sete instrumentos», como elas. Cada um possui, já se vê, a sua especialização, defendeu a sua têsse que lhe deu fama e lhe valorizou o nome. Mas simultaneamente aos seus trabalhos especializados aceita encomendas de todos os outros gêneros.

Trabalhei muito em Barcelona. Fiz folhetins de aventuras, novelas curtas, dicionários biográficos e romances brancos — vulgo «pieguices para meninas idiotas». Tinha as minhas casas — os meus clientes. Cada cliente tem o seu dia de «encomenda». O fornecedor recebe do contínuo uma senha numerada — como no consultório dos médicos. Senta-se e espera. Vão chamando pela ordem da entrada — e quando chega à nossa vez, o director folheia a papelada e diz-lhe:

— Para você reservei uma série de novelas de tantas páginas no género policial. Vá para casa, pense, e mande-me até ao dia tal um relatório com um esboço do que pensa fazer, com os títulos de cada novela — e a descrição do que devem ser as capas para que Cierano (o ilustrador), as vá desenhando.

Nunca se discute preços. Cada editor, no ínfimo das relações com o escritor oferece, impressa, a tabela. Essa tabela ou se estabelece sobre o preço de cada página, ou de cada obra. A escala sub-divide apenas as categorias. Visto o primeiro trabalho, êles avisam: — Você recebe pela categoria B ou C ou D...

Já se sabe que por cada obra que se escrever para aquela casa tem garantidas tantas pesetas por página. Eu, há sete anos recebia dez pesetas — e estava na categoria H. É muito possível, se em Espanha continuasse, que estivesse a estas horas na minha própria letra — no X...

Recebidas as encomendas — o escritor, à luz de engomadeira, regressa à oficina — perlião! — ao gabinete, e deita mãos à obra. A pontualidade na entrega deve ser a sua maior preocupação. Um editor catalão perdoa mais facilmente uma sensaboria literária do que uma hora de atraso.

O pagamento — como a encomenda — tem dia fixo. É, quasi sempre, ao sábado — e todos os sábados se cobra o trabalho entregue durante a semana.

Na sexta envia-se-lhes a factura; e no dia seguinte fazemos bicha em frente ao *guichet* com o recibo nas mãos. O caixa confere e paga — como o faria ao fornecedor do papel ou das tintas. E afinal é justo que assim seja... Que diferença existe entre nós e êles? Se todos somos industriais...

III

LUÍS DE VALE — O REI DOS ROMANCES POR FASCICULOS...

Na fauna enorme dos escritores mais ou menos anónimos de Barcelona conheci três tipos verdadeiramente dignos de exportação.

Um deles foi Luís de Vale. Luís de Vale



BLASCO IBAÑEZ

(Desenho de Tagarro)

era o Deus que fazia desencadear tempestades de lágrimas e que consumia com desgostos os leitores sensíveis dos seus romances. Foi depois de Fernandez y Gonzalez o mais lido folhetinista da Espanha. Foi êle ainda o dinamo poderoso da «novela por entregas».

Os seus títulos aguçavam os apetites mais gastos: «Maria ou a Fada do Bosque», «João ou a vida dum operário», «Mannel ou as vítimas da grêve»...

Desde pequeno que eu ouvia falar em Luís de Vale — que teve, entre nós, tanta voga como na Catalunha. E por isso julgava-o um «antepassado» — como diria o Ega, dos «Maías». Julgava-o morto e há muitos anos. Surpreendi-me, quando me apresentaram no terraço do Continental, um homem de cinquenta anos, fresco, de olhar vivo, o aspecto asseado e simples dum pequeno burguês próspero.

Era simpático, bem falante e um pouco tímido. Sentia-se pouco à vontade entre os outros escritores — e custava-lhe a considerar-se da mesma profissão.

Luís de Vale começou por compositor numa tipografia onde se compunham muitos romances por entrega. Um dia, côrondo muito, perguntou ao editor quanto pagava êle habitualmente pelas 16 páginas de cada fasciculo.

— Vinte e cinco pesetas...

— Pois eu por quatro duros era capaz de os fazer tão bons... ou melhores...

Tentou-se o editor não pela basófia literária do tipógrafo, mas pela economia prometida. Fêz a experiência — e acerto. Foram três anos de riqueza para o comerciante — mas o tipógrafo não se contentava só com os quatro duros da combinação. Tinha-os dobrado, triplicado — e por fim exigiu e obteve sociedade.

Luís de Vale deve ter uns duzentos títulos na sua bagagem — e a sua fortuna, se não gémea da de Blasco Ibañez, é suficientemente quantiosa para lhe garantir o repouso e a inactividade — aos cinquenta anos. E, contudo, o rei dos «romances por fasciculos» não é feliz. Confessa-se humilhado pela obra que deixou. Sente-se ridículo, uma caricatura de escritor. E para se reabilitar gasta toda a sua reforma burilando um romance que já há dez anos anda em gestação.

— Eu só queria deixar um livro que não fôsse grosseiro... Um livro como aqueles que os senhores escrevem.

E anda pelos cafés a ler capítulos soltos e a conter o mêlo e a pedir conselhos — como um principiante no piedoso banho Maria das primeiras ilusões.

IV

O «ANÓNIMO»

Ors-Ramos vem em segundo lugar, na lista já citada.

Ors-Ramos dobrara já o cabo tormentoso dos sessenta anos — mas ninguém lhe daria mais de quarenta e cinco. As farrupas sobreviventes eram arrumadas sobre a calva, e rapadas, na raiz, verticalmente, junto às orelhas, o que lhe dava um ar tauromáquico. Cara escauhada, bem trajante, um anel simples e nobre a refulgir no mendinho da mão direita. Fazia uma existência de pequeno capitalista espanhol — fêmeceiro, risonhos, *dilettante* das *premères* e dos touros, com *tertulia* certa no Ateneu e no Círculo dos Caçadores.

Ors-Ramos desde os vinte e cinco que vivia exclusivamente de escrever. Publicara — êle não sabia ao certo — mais de trezentos volumes — mas nunca assinara nenhum.

Era um especialista de «sideias». Inventára dicionários de todos os gêneros. Lançara o manual do perfeito *escroc* e o do autêntico aviador. Escrevera livros para o liceu — e «El buen cocinero español». Assustára os conservadores com «Los documentos secretos de los anarquistas» — e revelara os mistérios de tôdas as magias. Tão depressa ensinava a fórmula de fazer prata em nossa casa — como a tratar da cutis ou a transformar a carranca dumma velha no rosto fascinante de uma «coupletista»...

Estava bem afreguezado com todos os editores — e raro era o mês que não amealhava, na sua conta corrente do «Rio de la Plata» mil pesetas para a velhice que, na sua optimião, ainda estava bem longe.

Contavam-se de Ors-Ramos anedotas extraordinárias. A mais simbólica de tôdas é a do alfarrabista.

Atisioso sempre por descobrir um novo

assunto, dedicava algumas horas por semana a vasculhar as estantes das feiras. Um dia, ao desarrumar uma pirâmide de volumes despidos de capas e amarelados de uso, deu com uma obra sua, apagada já de sua memória. Chamava-se «Las formulas secretas de los sabios del Thibet».

Sorriu-se, e, tentado pela ideia de a reler, começou a regatear com o alfarrabista:

— Cinco pesetas...

— Não dou mais que duas...

— Está louco! — protestou o homem. *Usted no conoce entonces el valor de esta obra? Es una preciosidad! Está agotada hace mucho...* Aqui encontra fórmulas para tôdas as magias!

E abrindo ao acaso, apontou:

— Veja esta, por exemplo: EUQ+ATNOT+EUQ+SE+AL+ETNEG. É infalível e é colossal. Só esta fórmula vale as cinco pesetas.

O pobre homem usava de tôda a sua inocente habilidade para burlar o incauto freguês — ignorando êle próprio a utilidade daquela e das outras fórmulas que reclamavam e valorisavam o livro dos sábios do Thibet.

— Tudo isto está muito bem — mas eu não pago mais do que duas pesetas.

— Duas pesetas? *Entonces usted no se fija en esta formula que...*

E ia a repetir a leitura — mas Ors-Ramos, interrompendo-o, afirmou categórico:

— Não gaste cêra com tão ruim defunto. Esse livro é uma chuchadeira pegada.

— Não diga isto! Que heresia! Um livro com as fórmulas secretas do Thibet!

— Ah! Sim? Pois então leia essa fórmula ao contrário...

O homem, ligeiramente alarmado com o sorriso do cliente, estancou a sua algarviada de cigano, acavalou os óculos — e monossilabou a fórmula como lhe indicára Ors-Ramos: da direita para a esquerda:

— *Que lon-ta-que-és-la-gente!*

Esgasceu os olhos e releu! Não havia dúvida... A célebre fórmula, vista ao contrário, continha, como «mágico segredo» — uma garotice.

Rubro, mais pela humilhação do que de cólera, bradou:

— Quem será o *sin-verguenza* que escreveu este livro?

Ors-Ramos, fogueando o riso mal contido durante tôda a polémica, confessou:

— O *sin verguenza*, autor dos «Segredos do Thibet»... sou eu!

V

O FABRICANTE DE CHISTES

O terceiro *specimen* do fabricante de letras barcelonês era Luis Capdevila. Pequeno, redondo, pançudo como um pequeno bonzo, um monóculo encrustado sobre a púpila azul. Boêmio até ao disparate — a sua juventude tivera irregularidades inverosímeis. Dormira num casinoto de cão — no jardim da sua bem amada — e pavoneára-se pelas *ramblas* refastelado num *Hispano*, de propriedade sua.

A primeira especialidade de Capdevila foi o *chiste*. Era uma espécie de Ford das graças engendradas em *series*. Os editores de jornais humoristas escreviam-lhe, em termos cômica-mente comerciais... «Amigo e sr.: Tem esta

por fim encomendar-lhe doze «chistes» para «El Papitu» ou para «Campana de Gracia», de carácter político. Temos urgência na entrega dêsse original. Somos de V. etc., Fulano»...

Mas a clientela de Capdevila não se limitava aos jornais «chistosos». Os caricaturistas perseguiram-no e compravam-lhe a pronto pagamento «graças», que inspirassem a sua bonecada e que lhe servissem de legenda.

Uma tarde, no Ateneu de Barcelona, assisti a uma transação dêsse género. Estava de passagem pela capital catalã um dos comediôgrafos mais populares de Espanha. Marcára uma entrevista a Capdevila e, com a gravidade dum atento negociante, indagou:

— Você traz consigo alguma coleção de «chistes»?

E Capdevila, com igual serenidade, escancarou a pasta e estendeu sob o olhar do «cliente» enormes quartos de papel, todos rabiscados. Era o mostruário do fabricante. E fêz-se a leitura em voz alta... Desfiaram graças, *calembourgs*, trocadilhos, anécdotas — e de fraze para fraze havia uma pausa para se saborear e medir o seu valor. Uma vez o comprador abanava a cabeça: não servia. Outras deixava florir nos lábios um sorriso animador — e Capdevila riscava logo á margem da «piada» a palavra *serve*.

Finda a leitura contaram-se as graças vendidas e «copiadas» no livro de apontamentos do comediôgrafo — e o fabricante recebeu a respectiva importância. Só faltou a formalidade do recibo para que a transação fôsse puramente comercial.

Havia meses de Capdevila apurar duas mil pesetas. Mas — Jesus! — que tormento a vida daquele rapaz. De manhã até madrugada aquele cérebro, aqueles olhos, aqueles ouvidos eram escravos da indústria do seu senhor. Não havia conversa trocada na plataforma dum eléctrico, não havia scena de rua nem tragédia de conhecido herói que não despertasse a atenção de Capdevila, que de tudo queria espremer um «chiste». Nos cafés, só o entretiam as «tertulias» férteis no intercâmbio de anécdotas. E quando lhe era apresentado um estranho, pronunciadas as saudações do formulário, êle perguntava logo, sem a menor cerimónia:

— O senhor tem af alguma graça, chiste, trocadilho ou anedota novinha em folha que possa ceder?

VI

OS MILHÕES DE MUÑOZ SECA

Vicente Blasco Ibañez gozava fama do literato mais afortunado — *afortunado* em fortuna, de fortuna ganha a escrever — de tôdas as Espanhas. Blasco era rico, o seu alpinismo mercantil levou-o já ao cume dos primeiros milhões — mas outro existe que voou mais alto e que possui cofres mais espaçosos: Muñoz Seca.

Muñoz Seca é o comediôgrafo de maior fertilidade do reino visinho. O seu cérebro, o seu *ingénio*, o maquinismo da sua fantasia recorda uma mangueira ejaçando plumas de água. Tem-se a impressão que se lhe tirassemos a caneta, o papel e o amordaçásemos, o seu cérebro rebentaria como um pneumático e que, pelas gretaduras, saíam saúnetes, zarzuelas, comédias, operetas...

Muñoz Seca não é velho. Conheci-o em

1923, em Madrid, na noite da estreia da sua obra «Los chatos» — no teatro do Centro — e aparentava, quando muito, uns quarenta anos. E há quasi vinte que produz. A sua bagagem deve conter qualquer coisa como trezentos títulos.

É alto, magro, mas espadado, muito cuidadoso no trajar, uma elegância de russo abastado de pãudega em Paris — polainas claras, *plastron* negro e uma bigodeira frizada à Gran-Duque.

As suas primeiras obras triunfaram — e dêsse triunfo nasceu-lhe a convicção que tinha encontrado um jazigo precioso. Já não o abandonou mais. Tem tido noites em Madrid em que cinco teatros estreiam cinco obras suas. É freqüente o seu nome ser repetido dez vezes, no mesmo dia, na cartazaria teatral madrileña. O seu *récord* foi batido no dia 8 de Novembro de 1920 em que, entre Madrid, provincia, América espanhola e países não hispanos, quarenta «troupes» representavam outras tantas obras suas...

Uma das suas peças — *O verdugo de Sevilla* — deu mil representações em Espanha. No ano de 1917, a Sociedade dos Autores pagou-lhe quatro milhões de pesetas de direitos. A fortuna de Muñoz Seca deve atingir, actualmente, vinte milhões de pesetas — sessenta mil contos! — ganhou exclusivamente com a sua imaginação. A sua fortuna é das mais importantes da Espanha.

É detalhe curioso — Muñoz Seca que iniciou a sua vida como funcionário do Estado, na Inspeção Geral de Seguros — nunca abandonou o seu lugar. Ainda lá vai todos os dias e por lá se demora as horas regulamentares. O seu ordenado é de quinhentas pesetas mensais...

VII

BLASCO IBAÑEZ, NOVO-RICO

O fulcilo Blasco Ibañez, cuja celebridade se dourou irradiando pelo mundo muito antes da estreia de Muñoz Seca, é milionário relativamente há pouco tempo. A sua fortuna datava de 1918 ou 1919.

Journalista em Valencia — os seus primeiros livros agradaram, sem o premiarem de grandes confortos. A editorial *Prometeu*, que tinha o exclusivo da sua obra, pagava-lhe mensalmente um tanto — um tanto que nunca lhe permitiu saír da mediania. Viveu, durante alguns anos, numa casa apalçada, de caprichosa architectura, com renques de colunas evocando algum tempo de Atenas — surgindo, branca de mármore, entre o ouro quente e perfumado dos laranjais — e esta regalia deu-lhe muito tempo fama de rico. E não era. O seu palácio tinha sido construído por subscrição pública e regalado pelo povo de Valência ao escritor que levára mais longe a bela olografia da sua terra e a emoção intensa das suas tragédias populares.

Quando os azares políticos o atiraram para fora de Espanha, quando teve de nadar até a um veleiro que o conduziu à Itália, para não ser fusilado pela *guardia civil* — os seus bolsos pouco mais do que cotão dispunham...

Da sua aventura na Argentina, da fundação da colónia valenciana perto de Mendoza, da loucura da venda dos terrenos brindados pelo governo buenoairense — pouco se aproveitou. Em 1917 encontrámo-lo em Barcelona no Hotel Regina, da Calle de Vergara, pagando doze pesetas diárias — êle

que segregou sempre pretensões de grande vida e ânsias dos grandes palácios.

Os editores tinham suspenso a mensalidade; e Blasco, em Paris guindara-se do rez-do-chão de luxo onde vivia — para um terceiro andar numa rua estreita e popular. E mesmo assim, para se manter, trabalhava doze horas por dia — escrevendo a *Histoire de la Grande Guerre*.

Foi então que o governo francês, necessitado de propaganda nos países ibero-americanos lhe solicitou um romance francófilo. *Los cuatro finetes del Apocalipse* foram construídos assim, pelas madrugadas de um inverno cheio de privações, roubando-lhe as horas mais preciosas do repouso.

Lançado no mercado espanhol — o romance deu-lhe dez mil pesetas; traduzido ao francês, vendeu-se bem — e Blasco recebeu vinte mil francos. Estas duas somas foram para as finanças agonizantes do escritor uma injeção de cafeína — permitindo-lhe a regalia de uns meses na Costa Azul, a que, decididamente, tinha direito.

Um dia uma velha cegonha, yankee, assalariada pelos editores de Chicago ou de Nova York procurou-o em Nice e propôs-lhe a compra dos direitos dos *Cuatro finetes* para inglês. Ofereceu-lhe trezentos dollars, que pareceram aos olhos de Blasco um favor dos Deuses.

Rodaram meses para o infinito — e bruscamente Blasco começa a receber, estampilhadas com o retrato de Washington, cartas extravagantes. Uma *missa* de Boston pedia-lhe um retrato; um paradoxal romântica de Nova York suplicava-lhe um autógrafa; a esposa de um pastor protestante de Chicago sujeitava à sua apreciação um estudo sobre a Bíblia; uma milionária de S. Francisco perguntava-lhe por quanto venderia um conto seu, original e inédito, escrito pelo seu punho no seu álbum de registos mundanos; e até uma «estrela» do cinema, das que navegam num oceano epistolário dos seus admiradores — desceia do seu trono para lhe esmolar uma dedicatória...

Alarmou-se Blasco Ibañez com o sinal deste barômetro — e informou-se... E que o seu romance alcançara já um milhão de exemplares e enriquecera editores, tradutores e livreiros... Era inútil pensar em estender a sua bolsa sob a fonte de ouro que a sua obra abria. Todos os seus direitos estavam vendidos... por trezentos dollars!!!

Mas os editores americanos, por rebate de consciência ou por cálculo velhaco de negociantes que sabem prever o futuro sem intervenção da cartomância — vieram ao encontro de Blasco. Fizeram-no participar dos lucros já amealhados — e ofereceram-lhe uma viagem aos Estados Unidos. E só então Blasco deu conta exacta do que ele era — visto pela lupa das grandezas yankees. Havia *finetes* editados de todas as formas e para todos os preços. Havia sabonetes *Blasco*, escovas *Ibañez*, bicicletas *Blasco Ibañez* — e até camisas à *Vicente Blasco Ibañez*. A *White House* recebeu-o como a um embaixador — e os deputados de Washington fizeram-no subir à tribuna da Câmara e obrigaram-no a discursar em espanhol.

No regresso, o pobretão valenciano que escrevera *Entre Naranjos*, vinha milionário e trazia na sua carteira contractos que lhe garantiam mais de quatrocentos mil dollars anuais.



CLEMENTE VAUTEL

(Desenho de Tagarro)

Falhei-lhe uma vez — apresentado por um jornalista catalão. Blasco era um homem grosseiro, corpulento, com o plebeísmo nato a estoirar as costuras da sua elegância um pouco nova-rica. Tratava pouco das unhas, e a sua eloquência fazia-o barrifar os rostos dos que o escutavam.

Não lhe interessavam muito, nessa palestra, os assuntos literários. A sua grande preocupação era exhibir aos meus olhos de estrangeiro as mil e uma noites da sua fortuna...

— O meu palácio... Os meus secretários... Os meus «Roll-Royce»... As minhas viagens... Os meus banqueiros... O meu livro de cheques... A minha mobília de quarto...

Recordo-me ainda de duas bravatas suas — que são rótulos da péssima consequência do ouro nos espíritos mais luminosos.

— Há duas semanas fiz um *auto*. *Auto* — de fé...

— ?

— Sim! Queimei por completo a edição de uma obra minha inédita. Era uma aventura romântica que eu heroicizara! A dama aludida, minha colaboradora no romance vivido — e a quem eu tinha enviado, em primeira mão o romance escrito, pediu-me para que não lançasse o livro no mercado... Fiz-lhe a vontade... Armei uma pirâmide com os 25.000 exemplares da primeira edição e dei-lhe fogo...

A outra basófia é mais pitoresca ainda:

— Quem tem alojado muito comigo em Monte Carlo é o Infante C... — o pretendente ao trono de Espanha. Joga como um russo — e perde como um austríaco... Já lhe emprestei vinte mil francos. E é capaz de mos não pagar!

VIII

CLEMENTE VAUTEL — O CAPELISTA DAS LETRAS

A pesar da vastidão do mercado francês — que é um mercado universal — nem sempre os grandes escritores da França conseguem

os filões freqüentemente conquistados pelos literatos dos outros países.

Não quero falar dos das gerações anteriores. Zola não morreu rico; Mirbeau teve dificuldades financeiras nos últimos anos; Anatole equilibrou-se menos mal; e Edmond Rostand só amontou o seu primeiro masso de notas de mil — com o cabotismo do seu *Chantecler*. Em compensação Decourcelle — o pai dos «Dois garotos» — deixou, em herança, perto de três milhões de francos — além dum museu precioso de quadros; Henry Bataille, o complicador das obras de Muller, o poeta em prosa da *Marcha Nupcial*, o pintor de figuras da *Phalène* — foi surpreendido pela morte um mês depois do seu banqueiro lhe participar que o seu crédito se elevava a oito milhões de francos. O próprio Bernstein se permite ao luxo dum castelo na Normandia e duma vila em Cannes.

Mas apontemos a bateria dos holofotes aos modernos — aos três novos ricos, aos três recém-milionários da literatura francesa: Clement Vautel, Pierre Benoit e Maurice Dekobra.

Clement Vautel é, sem dúvida, o mais terceira classe dos três. O seu burguesismo de bom belga que é (Vautel nasceu em Liège), o seu ódio a todo o espírito revolucionário, seja na política, seja na arte, a sua alucinação ante a fortuna e os processos de multiplicar a sorte — nivela-o muito a qualquer comerciante da rua dos Doutradores ou da rua de Cedofeita.

Falei com Clemente Vautel duas vezes — no seu gabinete de *Le Journal* antes dele passar à categoria dourada dos milionários. Dirigiu-me, então, em Barcelona, a casa editora *Alfa* e fôra a Paris contratar direitos de obras francesas. Ele publicara, então, seu segundo ou terceiro volume — *Les jolies bourgeoises*.

Magrízela, franzino, raquitico mesmo, nariz minúsculo de máscara, calva imponente e uns olhos mui vivos. Recordo-me que durante a conversa ele, tomando-me por francês (francês de Auvergne ou de Marselha), espancou brutalmente *ces sauvages ibériques*, admirando-se que nós, os franceses, nos pudéssemos habituar ao convívio de tal gente.

Deixei-o falar — e quando lhe revelei a minha nacionalidade, Clemente, sem mudar de tom nem de expressão, começou a rasgar elogios às qualidades natas dos hispanos — e a censurar o chauvinismo dos gaulizes...

O «Abre-te Cesamo» dos seus milhões foi *Le Journal* — mas só no cabo de muitos anos — uns quinze, talvez, é que a mediania da sua sorte se tornou em varinha de condão.

Criou naquela gazeta a secção *Mon film*, representativa de um grande esforço e de uma reserva respeitável de bom humor — prejudicada sempre pelo servilismo com que se sugere à opinião pública, para a lisongear. O seu primeiro ordenado foi de mil francos — e já no começo da guerra essa soma estava triplicada. Hoje, a sua colaboração deve valer-lhe quinhentos francos diários — mais de cem francos a linha.

O público habituou-se a lê-lo, e cada leitor sentiu o estúpido orgulho de estar no nível de ideias daquele senhor tão inteligente — sem pressentir que essa harmonia entre a sua mentalidade e a do jornalista revclava um *truc* comercial.

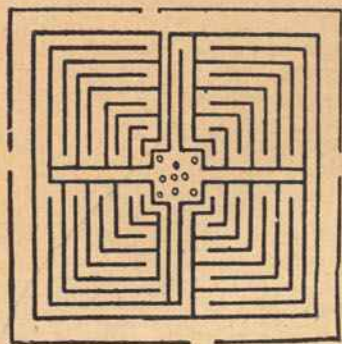
(Continua)

REPÓRTER N.



Passatempo

LABIRINTO CENTRAL DO LABIRINTO DO EGITO



Este labirinto está situado próximo do lago Moeris, no Egito, e disputa primazias, neste género de construções, ao de Dédalo, em Creta.

Depois de muitos anos de trabalho assíduo, os arqueólogos lograram desenterrar os restos d'êste labirinto, e hoje sabe-se que era todo de mármore, e de forma quadrada.

No interior ficava o labirinto propriamente dito, rodeado por doze palácios, quadrados também, os quais constituíam outros tantos labirintos. A obra era disposta em dois pavimentos, um d'êles subterrâneo; e em doze quadrados, chamados palácios, havia, nada menos, de três mil edifícios separados. Em todo o contorno exterior, havia um muro, adornado por milhares de estátuas.

Os doze palácios, encerrados no perímetro limitado por êsse muro, circundavam os jardins centrais, cujas veredas e caminhos constituíam outro labirinto, formando todo o conjunto uma das sete afamadas maravilhas do mundo.



Dois ciganos compraram um cavalo a meias, porém um d'êles, daí a dois dias, tornou a vendê-lo e gastou o dinheiro todo.

— E que culpa tenho eu? — dizia êle depois ao consócio, desculpando-se. Eu só vendi metade do cavalo. A outra metade foi atrás da primeira.



— Não me dá nada de gorjeta? — pergunta um barbeiro a um freguês avarento.

— Porquê?

— É costume todos deixarem alguma coisa.

— Ah! sim? Nesse caso af lhe deixo o cabelo que me cortou.



O marido: — Julgas-me mal, minha querida; o mentir não é o meu fraco.

A mulher: — Não, pelo contrário, é até o teu forte.

UMA FLOR

(Paciência)

Aquí está uma figura, na qual alguns traços irregularmente dispostos formam um desenho, que parece não poder significar coisa alguma, bem definida. Recorte-se,



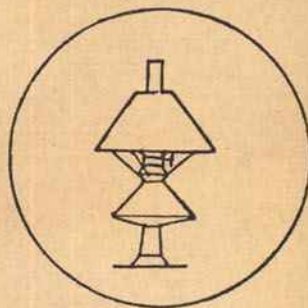
porém, a figura em vinte partes iguais. Aproximem-se, em seguida, dezoito dessas partes, de certa maneira, e dever-se-há obter, sendo a operação bem feita, uma flor, inteiramente compreendida dentro dum triângulo equilátero.

Ela: — A oposição de meu pai no nosso casamento, é porque, segundo êle diz, tu tens dívidas em tôda a parte e não és homem de probidade.

Ele: — Asseguro-te que uma das razões mais fortes, até, que me levam a casar é o grande desejo que tenho de pagar as minhas dívidas.

O QUE REPRESENTA ÊSTE DESENHO?

(Solução)



É um candieiro com o seu abat-jour. Bastaria inverter a figura, para facilmente imaginar o traçado geral do objecto.



O chefe de escritório: — Recebi esta manhã uma carta duma firma comercial pedindo referências dêsse tal Silva que esteve aqui empregado.

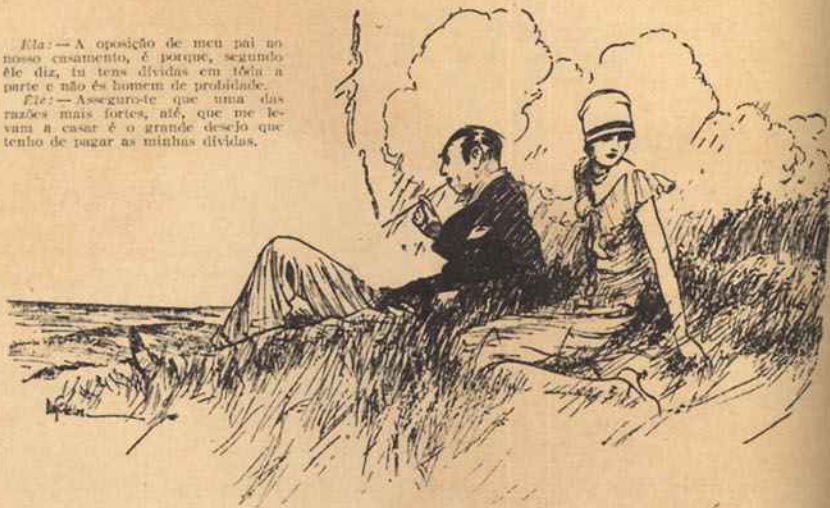
O sócio-gerente (furioso): — Diga-lhes que é um patife e um ladrão, e que o pouco que sabe o aprendeu em nossa casa.

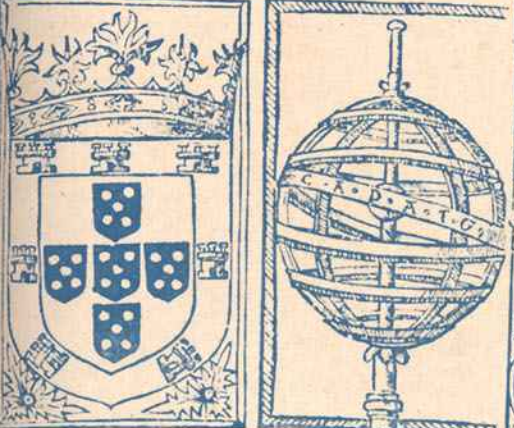


TARDE DEMAIS

A mãe: — Aquele pequenito Alfredo tem uma linguagem péssima. Não consinto que tornes a brincar com êle.

Albertinho: — Está bem, mamã; êle já me ensinou tudo quanto sabe.





**HISTORIA
DA
LITERATURA
PORTUGUESA
ILUSTRADA**

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND
PARIS — LISBOA

Está publicado o fascículo XII, completando o

I VOLUME

desta grandiosa obra e contendo o INDICE,

CAPAS DE BROCHURA ESPECIAIS,

ROSTO e ANTE-ROSTO do I.º volume

A MAIS BELA OBRA ATÉ HOJE

EDITADA EM PORTUGAL

PREÇOS INCLUINDO EMBALAGENS REFORÇADAS

CONTINENTE E ILHAS:

Assinatura especial de cada número saído mensalmente e pelo correio contra reembolso (86 para o continente e ilhas) 11\$50

	3 meses	6 meses	1 ano
Assinatura (pagamento adiantado)	30\$00	59\$00	118\$00

ÁFRICA ORIENTAL, OCIDENTAL e ESPANHIA	34\$50	67\$00	132\$00
ÍNDIA, MACAU e TIMOR	36\$00	70\$00	138\$00
ESTRANGEIRO	37\$00	72\$00	142\$00

Cada tomo avulso, não incluindo porte e embalagem 10\$00

HISTÓRIA ILUSTRADA DA LITERATURA PORTUGUESA

PUBLICADA SOB A DIRECÇÃO DE
ALBINO FORJAZ DE SAMPAIO
Da Academia das Ciências de Lisboa

ALGUNS DOS PRINCIPAIS COLABORADORES

- AVONSO LOPES VIEIRA, escritor.
AVONSO DE DORNELAS, da Academia das Ciências de Lisboa
AGOSTINHO DE CAMPOS, da Academia das Ciências, professor.
AGOSTINHO FORTES, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
ALVARO NEVES, escritor, Conservador da Biblioteca do Congresso da República.
ANTÓNIO BAILO, da Academia das Ciências, director do Arquivo Nacional da Torre do Tombo.
AUGUSTO GIL, da Academia das Ciências, director geral das Belas Artes.
IRRETO CARREIRO, escritor.
CARLOS MALHEIRO PIAS, da Academia das Ciências, escritor, director da *História da Colonização do Brasil*.
CRISTÓVÃO AÍRES, secretário geral da Academia das Ciências de Lisboa.
CORREIO DE CARVALHO, da Academia das Ciências de Lisboa.
EUGÉNIO DE CASTRO, da Academia das Ciências, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
HENRIQUE DE CAMPOS FERREIRA LIMA, da Academia das Ciências, director do Arquivo Histórico Militar.
GUALDINO GOMES, director da Biblioteca Nacional de Lisboa.
HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Escola de Belas Artes.
HENRIQUE DE VILHENA, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, director do Instituto de Anatomia.
JOÃO DE BARROS, da Academia das Ciências de Lisboa, director geral da Instrução Primária, professor.
JOÃO LÍCIO DE AZEVEDO, da Academia das Ciências de Lisboa.
JOAQUIM DE CARVALHO, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Letras, director da Biblioteca e Administrador da imprensa da Universidade de Coimbra.
JOAQUIM LEITÃO, da Academia das Ciências de Lisboa.
JOSÉ DE FREITAS, director da Biblioteca da Ajuda-Lisboa.
JOSÉ DE FIGUEIREDO, da Academia das Ciências, director do Museu Nacional de Arte Antiga.
JOSÉ JOAQUIM NUNES, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
JOSÉ LEITE DE VASCONCELOS, da Academia das Ciências, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, director do Museu Ethnológico.
JOSÉ MARIA DE OLIVEIRA SIMÕES, da Academia das Ciências de Lisboa, antigo professor da Escola de Guerra.
JOSÉ MARIA RODRIGUES, da Academia das Ciências, professor de estudos camponeses na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
JÚLIO DANTAS, Presidente da Classe de Letras da Academia das Ciências, Inspector das Bibliotecas e Arquivos Nacionais, Director da Escola de Artes e Representar.
LUIZ XAVIER DA COSTA, da Academia das Ciências de Lisboa, Presidente da Associação dos Arqueólogos.
MANUEL DE OLIVEIRA RAMOS, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
MANUEL DA SILVA GAIO, da Academia das Ciências de Lisboa, antigo Secretário Geral da Universidade de Coimbra.
MARTINHO ALGUSTO DE PONSICA, da Academia das Ciências de Lisboa, professor do Instituto Superior do Comércio de Lisboa.
P. M. LARANJO CORREIO, da Academia das Ciências de Lisboa, Conservador do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Director da Secção de Diplomática da Associação dos Arqueólogos.
QUEIRÓS VIELO, da Academia das Ciências de Lisboa, Director da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
REINALDO DOS SANTOS, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa.
RICARDO JORGE, da Academia das Ciências, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, Director Geral da Saúde Pública.
S. COSTA SANTOS, escritor.

EDIÇÃO MONUMENTAL

A HISTORIA ILUSTRADA DA LITERATURA PORTUGUESA

(FORMATO 32 x 25)

EM TOMOS MENSIS DE 32 PAGINAS,
ÓTIMO PAPEL COUCHE,
MAGNIFICAMENTE ILUSTRADOS

CONTERÁ

biografias completas, retratos, vistas, costumes, monumentos, rostos de edições raras, manuscritos, miniaturas e fac-símiles de autógrafos, em soberbas gravuras, algumas das quais *HORS TEXTE*, a cores.

CONSTITUINDO

um precioso album em que pela primeira vez, entre nós, se reúne uma tão completa e curiosissima documentação gráfica.

ARTIGOS DE ESPECIALIZADOS PROFESSORES E LITERATOS DE NOME CONSAGRADO

CADA TOMO..... 10\$00



Se V. Ex.^a escutasse o que dizem os Agentes de Automoveis quando adquirem Oleos para os seus carros particulares, — ouviria a maior parte deles pedir MOBIL OIL.

TABELA DE RECOMENDAÇÕES (PARCIAL)

As indicações seguintes referem-se a carros de passageiros.

MARCAS	1929 Motor
A. C.	BB
Alfa-Romeo	BB
Amlicar (6 cil.)	BB
(outros mod.)	A
Auburn (8 cil.)	BB
(outros mod.)	A
Buick	BB
Cadillac	BB
Chevrolet	A
Chrysler (Imperial)	BB
(outros mod.)	A
Citroën (C 4 e C 6)	BB
De Soto	A
Dodge Brothers	A
Erskine	A
Essex	A
Fiat (todas as mod.)	B
Ford (mod. A)	A
Graham Paige	BB
Hudson	A
Hupmobile	BB
La Salle	BB
Lincoln	BB
Marmion	A
Morris (six)	A
(motor)	BB
Morris-Cowley	A
Morris-Oxford (11 e 14 H)	BB
(outros mod.)	A
Nash (Advanced 6 e Special 6)	BB
(outros mod.)	A
Oakland	A
Packard	A
Reo	A
Rolls Royce	TT
Studebaker	BB
Stutz	BB
Whippel	A

Esta tabela de Recomendações foi compilada pelos engenheiros da Secção de Automoveis da Vacuum Oil Company e representa o nosso conselho profissional sobre lubrificação de Automoveis.

Transmissão e Diferencial

Para a sua lubrificação perfeita use Gargoyle Mobiloil C. C. ou Mobilgrease conforme as indicações contidas na Tabela completa.

Os Oleos GARGOYLE MOBIL OIL são de ha muito preferidos por aqueles que sabem como se deve cuidar de um automovel.

Todos os tecnicos reconhecem não só a qualidade do GARGOYLE MOBIL OIL, mas tambem o lugar que no mundo scientifico ocupa a VACUUM OIL COMPANY, como especialista em Oleos Lubrificantes.

É devido à sua qualidade que o GARGOYLE MOBIL OIL lubrifica 7 carros em cada 10 carros que ha para lubrificar.

92 % de Fabricantes americanos aprovam



Mobiloil

Guie-se pela nossa Tabela de Recomendações

MOBIL OIL
VACUUM OIL COMPANY